

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA PAULA SCHULTZ

PARA QUE EDUCAÇÃO?

Análise da Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS

PORTO ALEGRE

2024

ANA PAULA SCHULTZ

PARA QUE EDUCAÇÃO?

Análise da Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação, como requisito parcial e obrigatório do grau em Licenciada em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Schultz, Ana Paula

Para que educação: Análise da Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS / Ana Paula Schultz. -- 2024.

66 f.

Orientador: Bernardo Mattes Caprara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Sociologia dos Movimentos Sociais. 2. Sociologia da Educação. 3. Educação Popular. 4. MTST-RS. I. Mattes Caprara, Bernardo, orient. II. Título.

Ana Paula Schultz

PARA QUE EDUCAÇÃO?

Análise da Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação, como requisito parcial e obrigatório do grau em Licenciada em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara

Porto Alegre, 22 de Agosto de 2024

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profª. Dra. Karine dos Santos
Departamento de Estudos Especializados
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico este trabalho a todas as mulheres que lutam por moradia. Que suas batalhas sejam reconhecidas e suas vozes ouvidas.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso é fruto da colaboração e apoio de diversas pessoas às quais expresso minha mais sincera gratidão.

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Bernardo, pela sua orientação precisa e pelo constante encorajamento ao longo deste processo de pesquisa. Agradeço também à professora Marília, da disciplina de Projeto de TCC, e aos demais professores, cuja sabedoria e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos militantes e participantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS), meu profundo agradecimento. A Juanita e Pedro, pelo processo de formação, ao Edu, Lorenzo, Isa, Adri e Dana pela parceria nos territórios e pelas valiosas lições que compartilharam comigo. Suas histórias e dedicação à luta pela reforma urbana, pelo acesso à cidade, pela moradia digna foram a base e a inspiração para esta pesquisa. Obrigada por confiarem em mim e por compartilharem suas vivências.

Um agradecimento especial à Ocupação Povo Sem Medo de Porto Alegre por acolher-me como parte da comunidade. Às famílias, crianças e adolescentes, meu sincero agradecimento por permitirem minha participação ativa nas atividades e por contribuírem significativamente para minha compreensão da realidade.

À minha família, em especial à minha mãe Cristina e meu pai Cesar, que me ensinaram desde cedo a luta por moradia. Agradeço a minha mãe por sonhar a universidade junto comigo. Fui a primeira de nós, neta de uma avó não letrada, e filha de uma mãe que precisou persistir muito para terminar a escola. Eu realizei o sonho da universidade por nós. Aos meus irmãos Víctor e Emmanuel, à minha prima Carla, pelo apoio incondicional e encorajamento nos momentos mais desafiadores. Vocês foram minha força e motivação para seguir em frente.

Agradeço também ao meu companheiro Pedro Reis, não apenas por ser meu parceiro na vida, mas por sua dedicação em acompanhar este projeto, proporcionando leituras críticas e construtivas que enriqueceram significativamente o trabalho.

Às minhas colegas de curso, que compartilharam comigo esta jornada acadêmica, trocando conhecimentos e experiências que enriqueceram meu aprendizado. Em especial, à

Estela, minha amiga e irmã de coração. Agradeço a Loisiene, Graziela, Isadora, Luisa e Marcielle, minhas colegas de curso, colegas de estágio, e amigas que espero levar pra vida.

Ainda, quero agradecer à Federação dos Trabalhadores da Indústria da Alimentação do Rio Grande do Sul (FTIA-RS). Graças a vocês, Paulo, Kaká e Silvio, eu pude sonhar em estar em Porto Alegre. Morar na FTIA-RS permitiu que eu frequentasse a UFRGS. O acolhimento que o movimento sindical me deu foi essencial para que eu pudesse viver Porto Alegre, e viver a UFRGS.

Agradeço à professora Tânia do PIBID, e à professora Ivete do Programa de Residência Pedagógica, por terem me orientado nas minhas primeiras experiências como professora, por terem me dado espaço para me desenvolver como docente, enquanto aprendia tanto com vocês.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. A cada um de vocês, meu muito obrigada.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Paulo Freire

É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade sugiram o contrário.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo de caso analisa a trajetória de construção e implementação do setor de educação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) em 2023, com o objetivo de compreender a necessidade e o desenvolvimento deste setor no contexto do movimento. A metodologia utilizada incluiu entrevistas semiestruturadas com militantes, observação participante em uma ocupação e análise de documentos do MTST-RS. Os resultados indicam que a criação do setor de educação foi uma resposta às demandas dos ocupantes por atividades educativas para crianças e adolescentes, buscando oferecer um espaço seguro e de desenvolvimento educacional em meio a condições precárias de moradia. A análise revelou que o setor de educação do MTST-RS é fundamentado na “pedagogia sem-teto”, integrando educação com ação social e reflexão crítica, inspirado em pensadores como Paulo Freire e bell hooks. As práticas pedagógicas são voltadas para atividades lúdicas que envolvem arte e abordam de forma transversal a luta pela moradia, o direito à cidade e a dignidade. Conclui-se que o setor de educação é essencial para o MTST-RS, não apenas proporcionando apoio educacional, mas também fortalecendo a comunidade e a luta por direitos sociais. O estudo de caso também destaca a relevância da pedagogia do cotidiano, que aborda as necessidades imediatas e as emergências dos ocupantes, e a articulação do setor de educação com outros setores do movimento, como arte e cultura, comunicação e infraestrutura.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Educação Popular. Pedagogia Sem-Teto. Setor de Educação; Luta por Moradia.

ABSTRACT

This case study analyzes the trajectory of construction and implementation of the Education Sector in the Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) in 2023. The objective is to understand the need and development of this sector between the context of the movement. The methodology used included semi-structured interviews with militants, participant observation in an occupation, and analysis of MTST-RS documents. The results indicate that the creation of the education sector was a response to the demands of the occupants for educational activities for children and adolescents, seeking to offer a safe space for educational development amidst precarious housing conditions. The analysis revealed that the MTST-RS Education Sector is based on the "pedagogy of occupation" (pedagogia sem-teto), integrating education with social action and critical reflection, inspired by authors such as Paulo Freire and bell hooks. Educational practices are focused on playful activities involving art and transversally address the struggle for housing, the right to the city, and dignity. It is concluded that the Education Sector is essential for the MTST-RS, not only providing educational support but also strengthening the community and the struggle for social rights. The case study also highlights the relevance of quotidian pedagogy, which addresses the immediate needs and emergencies of the occupants, and the articulation of the Education Sector with other sectors of the movement, such as Art and Culture, Communication, and Infrastructure.

Keywords: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Popular Education. Pedagogy of Occupation. Education Sector. Struggle for Housing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira Ocupação MTST-RS.....	27
Figura 2: Ocupação do DEMAHB.....	28
Figura 3: Nasce a Ocupação Povo Sem Medo.....	29
Figura 4: Cartaz dos combinados.....	46
Figura 5: Noções socioespaciais.....	47
Figura 6: Reunião MTST-RS e NUDECA.....	49
Figura 7: Respostas das crianças.....	50
Figura 8: Participação da OPSM do PEPI.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
MTST-RS	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul
OPSM	Ocupação Povo Sem Medo
EP	Educação Popular
CSA	Cozinha Solidária da Azenha
SE	Setor de Educação
PIM	Primeira Infância Melhor
PEPI	Plano Estadual Primeira Infância Melhor
NUDECA	Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente
SSP	Secretaria de Segurança Pública do Estado
DEMHAB	Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre
MLB	Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CAMINHO METODOLÓGICO	14
1.2 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS	15
CAPÍTULO 2 - BASE E CONTEXTO	17
2.1 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO	17
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS	19
2.3 LIVRO SOBRE EDUCAÇÃO DO MTST	22
CAPÍTULO 3 - O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO NO RIO GRANDE DO SUL	26
3.1 DE ONDE VEIO	26
3.2 COMO SE ORGANIZA	30
CAPÍTULO 4 - SETOR DE EDUCAÇÃO	33
4.1 PARA QUE EDUCAÇÃO?	35
4.2 EDUCAÇÃO DIFERENTE DE FORMAÇÃO	39
4.3 A EMERGÊNCIA	41
CAPÍTULO 5 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	44
5.1 QUAIS SÃO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS?	44
5.2 METODOLOGIA DO SETOR	51
5.3 ENSINANDO COMUNIDADES	53
6 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	60
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	61
APÊNDICE C - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	63

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais emergem como pilares da contestação das injustiças e na busca e luta por direitos. Um exemplo é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), reconhecido não apenas por sua luta por condições habitacionais dignas, mas também por sua atuação na defesa do direito à cidade, que inclui o acesso à educação. Este estudo visa explorar um aspecto menos discutido da trajetória do MTST: a implementação do Setor de Educação no contexto específico do estado do Rio Grande do Sul (MTST-RS). A singularidade dessa iniciativa levanta questionamentos profundos sobre os motivos que levaram um movimento urbano, inicialmente focado em questões habitacionais, a estabelecer um setor onde a principal pauta é a educação.

No contexto do MTST-RS, alinhado a uma tendência observada em outros estados brasileiros, esta pesquisa se insere nos campos da Sociologia da Educação e da Sociologia dos Movimentos Sociais. A análise proposta abrangerá debates específicos nessas disciplinas, explorando temas como educação popular e a mobilização de movimentos sociais urbanos pela garantia de direitos. O diálogo entre esses campos busca proporcionar uma compreensão profunda dos fatores que motivaram a criação e evolução do Setor de Educação no MTST-RS, contribuindo para um panorama mais amplo das dinâmicas sociais e das estratégias de engajamento comunitário.

No âmbito das teorias sociais, a influência de Karl Marx emerge como uma crítica contundente às estruturas da sociedade capitalista. Marx enfatiza a necessidade de uma ação consciente para desencadear mudanças sociais significativas, colocando a luta de classes como motor desse processo transformador. Movimentos sociais inspirados pela análise marxista das injustiças do sistema capitalista não apenas respondem às desigualdades sociais, mas também buscam uma reconfiguração radical das estruturas sociais vigentes.

A práxis marxista, integrando teoria e ação, enfatiza que a transformação social não se limita a conceitos abstratos, mas se concretiza através da prática engajada das massas trabalhadoras. Essa práxis, alinhada ao materialismo histórico, implica uma ação consciente para modificar as condições materiais e econômicas que moldam a sociedade. Assim, os movimentos sociais que adotam essa abordagem buscam superar a alienação e a exploração, ao desafiar as estruturas de dominação em suas diversas formas.

A educação popular, fundamentada na participação ativa, no diálogo e na transformação social, emerge como uma abordagem educacional associada aos movimentos sociais. Paulo Freire, notável por sua “Pedagogia do Oprimido” (2020), propõe uma educação

libertadora que capacita os indivíduos a compreender criticamente sua realidade e a agir para transformá-la. A ênfase na aprendizagem horizontal e no fortalecimento não se restringe à transmissão de conhecimento, mas busca criar condições para a conscientização e a ação transformadora das comunidades.

Refletindo sobre as ideias de Miguel G. Arroyo (2003) e Conceição Paludo (2005), destaca-se o papel da educação popular na formação de uma consciência coletiva voltada para os direitos sociais e a transformação política. A interseção entre educação popular, movimentos sociais e consciência de classe amplifica o potencial desses movimentos como agentes de mudança social e educacional.

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória de construção e implementação do Setor de Educação dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) a partir de 2023, compreendendo a necessidade e o desenvolvimento desse setor para o movimento. Os objetivos específicos são: investigar os motivos que levaram o MTST-RS a implementar um setor de educação, compreender a necessidade de um setor educacional em um movimento social de luta urbana, e caracterizar o público-alvo do Setor de Educação no MTST-RS, examinando quem são os beneficiários diretos dessas iniciativas educacionais.

A pesquisa justifica-se pela escassez de estudos sobre o Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto no Rio Grande do Sul, sendo relevante para a compreensão das práticas pedagógicas em movimentos sociais urbanos contemporâneos. Além disso, busca sistematizar as práticas pedagógicas do MTST, especialmente no contexto da educação popular, reconhecendo seu papel na promoção da consciência crítica e no fortalecimento dos vínculos comunitários.

Minha experiência como militante ativa do MTST no Rio Grande do Sul influencia diretamente o ponto de partida para essa pesquisa. A participação na construção do Setor de Educação proporcionou uma compreensão profunda da potência da educação popular, que conscientiza sobre direitos e promove uma abordagem crítica, transformadora e transgressora. Este estudo visa ampliar e sistematizar essas percepções, contribuindo para um entendimento mais abrangente da interseção entre práticas educacionais e movimentos sociais urbanos, com foco particular em Porto Alegre (RS), identificando áreas para o aprimoramento das políticas educacionais em comunidades urbanas vulneráveis.

Diante do exposto, o problema de pesquisa que norteia este estudo é: Como ocorreu o processo de construção e implementação do setor de educação dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) em 2023?

1.1 CAMINHO METODOLÓGICO

Com base no objetivo geral de analisar a trajetória de construção e implementação do setor de educação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) a partir de 2023, o trabalho busca compreender a necessidade e o desenvolvimento desse setor para o movimento. Para alcançar este objetivo, foram delineados objetivos específicos que envolvem a produção e a análise de dados, bem como a investigação das justificativas do movimento para a criação desse setor.

Os métodos qualitativos são fundamentais para a pesquisa social e para educacional, devido à sua capacidade de explorar e compreender nuances complexas e contextuais que podem escapar aos métodos quantitativos, como é o caso desta pesquisa. Ao adotar uma lente qualitativa, é possível realizar uma reflexão que aborde as subjetividades, podendo analisar com mais detalhes a temática, com o foco nas crenças, valores, percepções que desempenham um papel vital no processo educacional. Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na compreensão dos significados atribuídos pelos membros do MTST-RS ao setor de educação.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Gerhardt; Silveira, 2009 p.32).

As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas como principal instrumento para essa pesquisa. Este formato de entrevista combina perguntas abertas e fechadas, permitindo que os participantes falem sobre o tema proposto de maneira detalhada. As entrevistas foram realizadas de forma individual, pois, como proposto por Gaskell (2003), pretendia-se explorar com profundidade o mundo da vida do indivíduo, para entender o setor de educação para os indivíduos que compõem o coletivo. Embora exista um conjunto de questões previamente definidas, a entrevista se assemelha a uma conversa informal. Esse formato de entrevista colabora significativamente na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes, que determinam os significados pessoais de suas atitudes e comportamentos.

A seleção dos participantes foi feita procurando incluir indivíduos que desempenham papéis centrais no setor de educação do MTST-RS, como coordenadores, educadores e militantes diretamente envolvidos nas atividades educativas do movimento. As entrevistas

foram realizadas em locais e horários convenientes para os participantes, garantindo um ambiente confortável e seguro; todas foram gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas posteriormente para análise. O nome de todas as pessoas entrevistadas foi mantido em anonimato, e os nomes que aparecem ao longo do texto são fictícios, tendo a função de humanizar o cargo ocupado.

Além das entrevistas, a observação participante foi utilizada como método complementar, envolvendo a presença da pesquisadora em uma atividade organizada pelo setor de educação, o que permitiu uma compreensão mais aprofundada das práticas e interações cotidianas dos membros do movimento. As observações foram registradas em diários de campo descritivos e reflexivos, material que apoiou toda a construção da pesquisa e as análises realizadas.

1.2 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo, realiza-se uma revisão bibliográfica que abrange três tópicos principais. O primeiro tópico é a análise do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), enfatizando a pauta educacional do movimento. O segundo tópico aborda a educação popular, examinando teorias e práticas relevantes, com especial atenção às contribuições de Paulo Freire (2020), Miguel G. Arroyo (2003) e Conceição Paludo (2005). O terceiro tópico é uma análise do livro do MTST sobre educação, discutindo suas abordagens e a importância do texto para a compreensão da prática pedagógicas dentro do movimento.

O segundo capítulo concentra-se no MTST no Rio Grande do Sul, detalhando sua origem, evolução e estrutura organizacional no estado. Este capítulo oferece uma visão abrangente de como o MTST se estabeleceu e opera localmente, destacando suas características específicas e sua organização.

O terceiro capítulo examina o Setor de Educação do MTST-RS em si. Esta seção descreve como os militantes percebem e caracterizam o setor, abordando suas funções, objetivos e desafios. O capítulo explora a visão dos envolvidos sobre a relevância do setor, suas práticas e as estratégias adotadas para enfrentar as necessidades educacionais dentro do movimento.

O quarto capítulo analisa as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Setor de Educação do MTST-RS. Nele são trazidas algumas das práticas implementadas e o percepções dessas práticas de acordo com os relatos dos militantes entrevistados,

proporcionando uma visão a respeito do papel do setor na transformação social e no fortalecimento dos vínculos comunitários.

Neste estudo de caso, ao explorar desde a base teórica até a prática cotidiana dos militantes, busca-se fundamentar a educação como um instrumento de luta e transformação social dentro dos movimentos sociais. Além disso, a pesquisa aborda a perspectiva e a visão dos militantes sobre os desafios e conquistas do Setor de Educação, integrando essas experiências a um debate teórico sobre a educação popular em contextos de resistência e luta por direitos.

CAPÍTULO 2 - BASE E CONTEXTO

2.1 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto sustenta que a crise habitacional no Brasil é um fenômeno multifacetado, profundamente enraizado no modelo econômico capitalista. O livro “Por que ocupamos? Uma introdução à luta sem-teto”, de Boulos (2012), oferece uma análise aprofundada dessa crise, abordando questões como especulação imobiliária, gentrificação e a exclusão dos trabalhadores do acesso a moradias dignas. O autor destaca a necessidade de compreender a natureza estrutural dessa crise para desenvolver soluções eficazes.

A obra de Boulos (2012) traz uma análise detalhada da crise habitacional, explorando suas raízes no sistema capitalista. Ainda, apresenta uma narrativa histórica da luta dos sem-teto desde a década de 1970, destacando a importância da mobilização social. Ao final do livro, propõe soluções para uma política habitacional mais justa no Brasil, defendendo a construção de moradias populares financiadas pelo setor público e a regulamentação do mercado imobiliário.

A partir de Boulos (2012) é possível estabelecer uma conexão com o artigo de Oliveira (2021), que explora os impactos da pandemia na luta pelo direito à cidade, especialmente no contexto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Boulos, ao abordar questões relacionadas à exclusão dos trabalhadores do acesso a moradias dignas, destaca a necessidade de compreender a natureza estrutural dessa crise. Da mesma forma, Oliveira (2021) destaca o papel crucial do MTST na resposta aos desafios decorrentes da pandemia, como a falta de moradia adequada e a escassez alimentar, ressaltando a importância das estratégias solidárias implementadas pelo movimento, como as Cozinhas Solidárias (CS) e parcerias agrárias, para enfrentar a crise socioeconômica. Essa conexão entre as análises de Boulos e Oliveira evidencia a continuidade da luta do MTST em busca de soluções para os problemas habitacionais e sociais enfrentados pelos trabalhadores sem-teto no Brasil.

Santos (2021), em sua dissertação de mestrado acadêmico, tem como objetivo investigar os processos de aprendizagem e transformação experienciados pelos membros do MTST em São Paulo. O foco central reside na compreensão das dinâmicas subjacentes à participação cotidiana dos envolvidos no movimento, particularmente no que tange à sua percepção da realidade, à produção de conhecimento e às interações interpessoais. A pesquisa

fundamenta-se em duas indagações primordiais: em que medida ocorre o aprendizado entre os indivíduos engajados na luta social? E de que maneira essa participação contribui para modificações em suas vidas e para a consolidação de um senso coletivo? Nesse contexto, a investigação busca compreender esses processos, e junto identificar possíveis contradições e potencialidades inerentes às lutas populares, visando oferecer contribuições para a análise crítica do papel dos movimentos sociais na contemporaneidade.

Apesar de existirem diversas pesquisas sobre o MTST, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, é fundamental observar que, embora o movimento siga princípios gerais em todo o país, cada ocupação apresenta características específicas devido à diversidade de contextos locais. A relação da comunidade com a cidade, as condições socioeconômicas da região e as políticas habitacionais locais são fatores que influenciam a dinâmica de cada ocupação.

As ocupações do MTST envolvem frequentemente negociações com autoridades locais, buscando soluções habitacionais, acompanhadas de melhorias nas condições de vida e acesso a serviços básicos. Assim, a realidade de cada ocupação pode variar consideravelmente. Para compreender totalmente a situação de uma ocupação específica do MTST, é necessário analisar o contexto local, as demandas específicas da comunidade envolvida e as respostas das autoridades. Cada ocupação reflete uma interação única entre o movimento, a comunidade local e as políticas habitacionais vigentes no local.

Gomes (2023) oferece uma análise profunda das experiências de ocupação promovidas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e seu impacto na formação política e na satisfação das necessidades humanas da classe trabalhadora mais precarizada. Partindo da compreensão de que a habitação é essencial para a existência humana, a pesquisa investiga como as ocupações do MTST ao atender às necessidades imediatas de moradia, também promovem relações pedagógicas significativas nos espaços ocupados. A hipótese central é que essas relações satisfazem necessidades básicas como afeto, proteção e participação política, gerando por consequência o fortalecimento da organização da luta coletiva.

A pesquisa de Gomes (2023) identifica os objetivos políticos e estratégias dos movimentos sociais de luta por moradia, com foco especial no MTST durante o período de 2014 a 2022. Utilizando uma abordagem militante fundamentada no materialismo histórico e dialético, o estudo destaca as relações pedagógicas presentes nas ocupações do MTST, especialmente nas assembleias e nas Cozinhas Solidárias. São discutidos os desafios políticos e educativos enfrentados para potencializar a criação de uma vontade coletiva de

transformação social. Ao enfatizar a importância do trabalho de ocupação como um princípio educativo, o estudo ressalta como essas experiências promovem a formação da coletividade e a consciência de classe entre os participantes, movendo-se entre conceitos de solidariedade humana e solidariedade de classe.

Souza (2023) destaca a importância da humanização e solidariedade como valores fundamentais no processo de luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Ao discutir a obra de Paulo Freire, Souza (2023) ressalta como a desumanização, resultado de uma ordem injusta, pode ser transformada através da luta pela humanização. Essa luta pela humanização é essencial para a libertação dos sujeitos, que, ao participarem das ações coletivas do movimento, vão se humanizando no decorrer do processo de luta. A pedagogia dos movimentos sociais, baseada na coletividade e na solidariedade, promove uma outra sociedade possível, onde experiências de partilha, unidade e afeto são essenciais para a formação política e educação popular.

A autora destaca a importância da ação prática em grupo como meio de construção da coletividade e solidariedade (Souza, 2023). De acordo com a pesquisa, as atividades desenvolvidas pelo MTST, como mutirões, cozinhas solidárias e distribuição de alimentos, não se limitam à ideia de fortalecer o movimento, tem como ponto de partida fomentar uma reflexão sobre as desigualdades urbanas e o sistema capitalista. Souza (2023) afirma que a solidariedade, tanto dentro do movimento quanto nas alianças com outras lutas sociais, é fundamental para ampliar a capacidade de mobilização e fortalecer a coletividade na busca dos movimentos por direitos.

O texto de Souza (2023) questiona e reflete sobre a pedagogia que emerge do chão do MTST. Reconhecendo que essa pedagogia é complexa e multifacetada, Souza (2023) ressalta a importância de estudar e compreender suas características próprias, como a experiência do trabalhador sem teto na luta contra as opressões. Essa reflexão busca especular sobre uma concepção de educação que valorize a conscientização, a militância e a atuação contra as desigualdades, características essenciais para a construção de uma sociedade mais humana e solidária.

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS

A literatura sobre movimentos sociais no Brasil apresenta uma variedade de abordagens, desde uma perspectiva engajada e normativa até estudos mais recentes que buscam modelos analíticos complexos (Silva, 2010). Muitos trabalhos adotam uma postura

normativa, defendendo determinadas posições político-organizativas e excluindo análises de atores sociais que confrontam esses princípios. Além disso, há uma tendência a uma abordagem descritiva histórica, sendo necessário um diálogo com uma base teórica interdisciplinar. Por outro lado, estudos mais recentes buscam desenvolver modelos explicativos que identifiquem os mecanismos causais nas ações coletivas conflituosas, dialogando e incorporando elementos contextuais específicos (Silva, 2010).

Conceição Paludo (2005), no artigo intitulado “Educação Popular e Movimentos Sociais”, explora a intrincada relação entre Educação Popular e Movimentos Sociais no contexto brasileiro, abordando as complexidades teóricas na definição desses conceitos na contemporaneidade. Apesar das mudanças no rumo do desenvolvimento do Brasil desde 1990, a identidade cultural da Educação Popular mantém uma ligação intrínseca com os Movimentos Sociais, evidenciando uma contínua ressignificação desse projeto cultural em âmbito nacional.

A educação não se confina à escola, embora reconheça que possui um papel a cumprir. Esta concepção alargada de educação remonta às origens da Modernidade, quando se difunde a ideia que os seres humanos não nascem prontos e nem pré-destinados, mas que se tornam humanos, mediante as relações que estabelecem consigo mesmos e com a natureza, no interior do processo histórico. Neste sentido, os diferentes espaços de convivência humana constituem-se em espaços educativos: escola, família, trabalho e também os movimentos sociais (Paludo, 2005, p. 25-26).

Ao longo das três fases destacadas na construção da concepção de Educação Popular no país, os Movimentos Sociais emergem como protagonistas essenciais, explicitando contradições sociais, resistindo e conscientizando a sociedade sobre questões cruciais, como a fome, desafiando a idealização de uma "vida boa" para todos. Paludo (2005) ressalta que os anos 1990 são identificados como um período de crises, perda de soberania nacional e impactos da globalização, tornando a Educação Popular ainda mais crucial diante da urgência de transformação social e resistência contra um projeto de sociedade prejudicial. A autora concebe a necessidade de ressignificar a Educação Popular, considerando experiências contemporâneas que reafirmam sua relevância diante dos desafios atuais e sua capacidade de se adaptar às novas formas organizativas.

Assim, a reflexão de Paludo aborda a evolução histórica desses conceitos, e em conjunto sublinha a importância contínua da Educação Popular como um instrumento dinâmico e vital para sensibilização, resistência e transformação, quando articulado aos Movimentos Sociais.

No artigo “Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?”, Arroyo (2003) aborda a complexa interseção entre movimentos sociais, trabalho, educação e direitos sociais. Ele ressalta que as mobilizações populares, tanto urbanas quanto rurais, têm atuado como agentes pedagógicos, pressionando por serviços públicos básicos e contribuindo para a formação de uma consciência coletiva dos direitos.

Arroyo (2003) argumenta que as formas de sobrevivência dos setores populares, guiadas por uma lógica de dignidade e cuidado para suas famílias, estão intrinsecamente ligadas à pressão por serviços públicos essenciais, destacando a educação como um elemento crucial desse horizonte de dignidade. Além disso, ele destaca a persistência dessas mobilizações ao longo das décadas, mesmo diante de desafios e repressões, sugerindo que elas atuaram como importantes pedagogos na educação dos direitos sociais.

O texto também explora a convergência entre as lutas dos movimentos sociais e o movimento operário, destacando que ambos desempenham papéis pedagógicos na formação de lideranças e na ampliação da consciência dos direitos (Arroyo, 2003). Sindicatos e movimentos sociais são reconhecidos como espaços educativos que contribuem para a reeducação da cultura política, transformando a percepção da educação de uma relação clientelista para um direito conquistado (Arroyo, 2003).

Nos textos “Educação & Atualidade Brasileira” (1959) e “Educação como prática da liberdade” (2019), Paulo Freire oferece uma análise profunda da realidade brasileira, destacando um momento de transformação significativa do país. Ele ressalta a urgência da educação como ferramenta para romper com uma sociedade marcada pela oligarquia, estruturas arcaicas e profundas desigualdades sociais. Freire lança as bases para uma reflexão renovada sobre a educação brasileira, enfatizando que seu papel vai além de simplesmente combater a ignorância. Ele articula a educação à construção de relações mais democráticas na sociedade, colocando homens e mulheres simples no centro do processo de construção de novas formas de sociabilidade.

A partir da ideia de superação da curiosidade ingênua pela curiosidade epistemológica, uma transformação social, Freire (2019) opera com a premissa de que a liberdade resulta da compreensão das contradições sociais e da tomada de consciência sobre as condições de opressão e exploração. Para Freire, a libertação é fundamental para a transformação da realidade, e essa mudança só ocorre através de uma práxis emancipadora capaz de romper com a lógica estabelecida pela estrutura social vigente.

A humanização como o objetivo final do processo de libertação, construída a partir da reflexão e ação dos indivíduos sobre o mundo para transformá-lo. Freire (2020) enfatiza que

somente a superação da ordem estabelecida, que desumaniza tanto opressores quanto oprimidos, pode construir um novo modelo de sociabilidade. A liberdade, negada pelas estruturas sociais e pela dominação, é uma categoria essencial no pensamento de Freire, capaz de desconstruir os processos de desumanização enfrentados pelos oprimidos.

A liberdade que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário a luta por ela precisamente porque não atende. [...] Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” dessa situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, sem instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (Freire, 2020 p.46).

A ênfase de Freire (2020) na liberdade como uma conquista contínua e o reconhecimento crítico das condições opressoras destaca a importância de uma educação que transcende a simples transmissão de conhecimentos. Ele propõe uma práxis educativa que envolve tanto a reflexão quanto a ação transformadora, capacitando os indivíduos a reconfigurar as estruturas sociais que perpetuam a desumanização. Nesse sentido, a Educação Popular se apresenta como um caminho crucial para a emancipação, pois permite que os oprimidos se tornem agentes de sua própria libertação, ao mesmo tempo em que desafia as bases da opressão.

A Educação Popular, como prática pedagógica transformadora, encontra nos movimentos sociais um terreno fértil para seu desenvolvimento e aplicação. Essa abordagem educacional se alinha com os princípios de igualdade e emancipação coletiva, promovendo uma educação que empodera os indivíduos a questionar e transformar a realidade em que vivem. Os movimentos sociais, atuando como espaços de resistência e conscientização, criam ambientes onde a Educação Popular pode florescer, integrando-se nas lutas por direitos, dignidade e cidadania plena. Através de práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a reflexão crítica e a ação coletiva, a Educação Popular fortalece a capacidade dos indivíduos e comunidades para desafiar as estruturas opressivas e construir alternativas mais justas e democráticas.

2.3 LIVRO SOBRE EDUCAÇÃO DO MTST

A frase “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, de Paulo Freire, citada no prefácio do livro do Setor de Educação do MTST, intitulado “Construindo uma Pedagogia Sem-Teto” (2023) e apresentada por Guilherme

Boulos, direciona a perspectiva educacional do movimento. A cartilha apresenta o engajamento do Setor de Educação a partir da manifestação através de um esforço coletivo em várias localidades do Brasil, buscando se organizar com o povo e participar ativamente de sua luta. Este engajamento é fundamentado na ideia de que a própria luta é essencial para o processo educativo, servindo tanto como ponto de partida quanto como objetivo final. Argumenta-se que é somente dentro do contexto da luta que a reflexão sobre conceitos como liberdade, autonomia e emancipação humana adquire significado genuíno, enquanto fora desse contexto, tais reflexões correm o risco de se tornarem abstratas e desvinculadas da prática.

Nesse sentido, a união entre ação e reflexão, conforme proposto por Freire (2020), é vista como crucial, pois sem uma postura crítica, a ação se reduz a um mero ativismo. Essa integração constitui o cerne de uma abordagem de educação popular que reconhece o papel ativo dos educandos na construção do conhecimento e busca a libertação. O desafio reside em unificar os aparentemente distintos polos da luta pela educação e da educação pela luta. O primeiro capítulo da cartilha, trata da práxis da pedagogia sem teto, e apresenta o movimento da seguinte forma:

Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) se constitui como um movimento popular orientado não apenas à luta pela reforma urbana e pelo direito à moradia, mas à transformação das diferentes formas de reprodução das desigualdades sociais, do sofrimento psíquico e da degradação ecológica gerados pelo capitalismo (Silva; Nowiski, 2023, p.18).

A pandemia da Covid-19 é destacada como um catalisador para a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas voltadas para crianças e adolescentes que residem nas ocupações e frequentam as Cozinhas Solidárias do MTST. Em resposta a essa necessidade emergente, o Setor de Educação foi estabelecido em 2019, em nível nacional, composto por educadores populares que podem ou não ter formação em pedagogia, mas são moldados pela experiência na luta social e comprometidos com a construção de uma pedagogia adaptada à realidade das comunidades em situação de vulnerabilidade. Os objetivos do setor de educação apresentados pelo livro são:

- a) O primeiro objetivo é criar espaços onde as crianças e adolescentes possam entender e dar significado à luta do MTST, relacionando sua própria condição social com as questões educacionais. Isso tem como objetivo promover uma compreensão mais profunda das causas e objetivos do movimento.

- b) O segundo objetivo é fortalecer a confiança e a autoestima dos jovens, contribuindo para sua capacidade de interpretar criticamente o mundo ao seu redor e agir de forma autônoma. Isso implica em capacitar os jovens para serem agentes ativos de mudança em suas comunidades.
- c) O terceiro objetivo é reforçar a simbologia e a continuidade histórica da luta do MTST, destacando personalidades e grupos sociais que representam a resistência, combatividade e conquistas do movimento. Isso pretende fortalecer a identidade coletiva e inspirar os jovens a se engajarem na causa.

O Setor de Educação organiza-se em nível nacional, adaptando-se às particularidades regionais. Suas quatro frentes de atuação incluem cursinhos populares para jovens e adultos periféricos que estão em busca do ingresso no Ensino Superior; atividades educativas com crianças em ocupações e comunidades parceiras; creches populares para crianças pequenas; e grupos de leitura para todas as idades, mediados por obras literárias que refletem a realidade da população sem-teto e da classe trabalhadora. Essas iniciativas refletem o compromisso do MTST com a perspectiva de uma pedagogia sem teto, que se adapta à realidade do grupo presente em seus espaços de atuação (ocupações, cozinhas solidárias, etc).

Mas, afinal, o que é a pedagogia sem-teto? Para Silva e Nowiski (2023, p. 24), ela “consiste, pois, em uma prática de transformação pessoal e social que posiciona os educandos como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem”. De acordo com o que é exposto do livro “Construindo uma Pedagogia Sem-teto”, os autores demonstram que trata-se de uma perspectiva construtivista com base em Piaget (2015), Vigotski (1987), Coll (2004) e Freire (2020).

A cartilha contextualiza o construtivismo como a perspectiva que entende a aprendizagem como um processo ativo, no qual cada educando constrói conhecimento e significado ao se deparar com algo novo. Ao confrontar novos conhecimentos ou experiências, o educando busca relacioná-los com seus conhecimentos prévios, identificando lacunas e contradições para lidar com a novidade. Esse processo não ocorre isoladamente, mas sim em interação com o ambiente social, onde o educando negocia e compartilha conhecimentos com outros, construindo uma compreensão que é cultural e socialmente contextualizada.

A pedagogia sem-teto vai além de reconhecer e incentivar o papel ativo dos educandos na construção do conhecimento, pois tem como objetivo central a transformação social. Esta abordagem incorpora a luta política por uma sociedade mais justa e solidária como parte

integrante de seus objetivos político-pedagógicos. Isso se reflete tanto nos conteúdos abordados nas atividades educativas, quanto nas metodologias utilizadas, que visam à compreensão crítica da realidade e ao enfrentamento direto de problemas sociais e ambientais por meio de intervenções comunitárias. A pedagogia sem-teto é caracterizada pelo movimento como uma práxis político-pedagógica, combinando ação e reflexão do educando sobre o mundo subjetivo e social.

Silva e Nowiski (2023) concluem que a criação de um Setor de Educação em um movimento de moradia não representa um desvio de seu foco de atuação, mas sim uma ampliação do projeto político para além da reforma urbana e da garantia de moradia digna. Uma pedagogia sem-teto surge como um componente essencial da organização interna e do projeto político do MTST, concebida como um bem comum acessível a todos, objetivando o desenvolvimento integral e a emancipação individual e coletiva. Integrando-se a outras frentes de atuação, ela contribui para uma estratégia política voltada à construção de um poder popular solidário e democrático.

Essa pedagogia não pode alienar os educandos da educação; ao contrário, deve ser construída junto ao povo, adotando seus saberes, necessidades e interesses como material pedagógico em diálogo crítico com o mundo, promovendo experiências de problematização, contradição e trocas sociais. Em suma, é uma pedagogia construtivista e crítica comprometida em garantir a todos a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e viver dignamente em uma sociedade justa, democrática e solidária.

CAPÍTULO 3 - O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO NO RIO GRANDE DO SUL

3.1 DE ONDE VEIO

A Copa do Mundo de 2014 no Brasil desencadeou uma série de protestos sociais em todo o país, revelando insatisfação com os altos custos das obras de infraestrutura e a negligência em relação às populações vulneráveis. Uma das consequências notáveis desse evento foi a expansão do MTST no Brasil, impulsionada pelas reformas urbanas associadas à Copa (Oliveira, 2021).

Em 2015, ocorreu a primeira ação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no estado do Rio Grande do Sul, a qual ocupou o terreno a partir da meia noite de sexta-feira e foi despejada durante a tarde de sábado, conforme reportado pelo jornal Outras Mídias (2015). O terreno ocupado, localizado no Morro Santana, em Porto Alegre (RS), é conhecido pela luta contra a especulação imobiliária e já havia sido palco da Ocupação Cruzeiroirinho, despejada pela Polícia Militar em dezembro de 2014. Na manhã de sábado, o Batalhão de Operações Especiais realizou uma operação para expulsar as famílias da nova ocupação, sem a presença de um Oficial de Justiça ou uma ordem de reintegração de posse, desconsiderando as negociações entre a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do estado e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Em trecho da reportagem é destacada a fala de uma das coordenadoras do MTST-RS, em que ela afirmou que o movimento chegou a Porto Alegre com o objetivo de mudar a cultura das ocupações, combater a grilagem e promover a produção habitacional.

Figura 1- Primeira Ocupação MTST-RS

Fonte: Jornal Outras Mídias (2015).

Outro momento de luta importante para o MTST-RS foi quando, junto de outros movimentos de luta por moradia, como o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e da População em situação de rua, foi ocupado o saguão do Departamento Municipal de Habitação (Demhab), na capital do Rio Grande do Sul. Em reportagem do Sul21 (2016), é mencionado que, após uma reunião infrutífera com o vice-prefeito Sebastião Melo e a diretora do Demhab, Luciane de Freitas, os movimentos decidiram ocupar o local. As reivindicações dos movimentos incluíam a retomada do pagamento do aluguel social, que estava atrasado há quatro meses, soluções para a Ocupação Lanceiros Negros, criação de Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS), regularização de áreas ocupadas, e a continuidade do programa Minha Casa Minha Vida. Além disso, as reivindicações demandavam uma solução negociada para as famílias da Vila Dique e apoio para a Ocupação Progresso, onde a maioria dos moradores era de haitianos. A ocupação visava pressionar a prefeitura a apresentar uma proposta concreta e denunciava a política de remoções da administração municipal.

Figura 2 - Ocupação do DEMAHB

Fonte: Jornal Sul21 (2016).

As experiências de aproximação ao MTST-RS se intensificaram a partir de agosto de 2017, com a mobilização de moradores de diversas comunidades em Porto Alegre (RS), como a Vila Nazaré e a Vila Dique. Essas mobilizações, em resposta ao aumento da especulação imobiliária, refletiram a expulsão de trabalhadores das zonas centrais para áreas periféricas, exacerbando as dificuldades de acesso a serviços básicos e destacando a lógica do planejamento urbano focado no capital. A região da Zona Norte, especialmente impactada, é um exemplo dessa dinâmica, sendo definida pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Ambiental como um corredor de desenvolvimento que restringe atividades residenciais em favor do setor produtivo (Oliveira, 2021).

A consolidação do MTST no estado ocorreu por meio da resistência dos moradores da Vila Nazaré, que foram deslocados de suas casas devido à expansão da pista do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre (RS). Nasceu na capital gaúcha, na Zona Norte, no dia 09 de Setembro de 2017, a Ocupação Povo Sem Medo, denunciando o “desenvolvimento” que não vê as pessoas.

Figura 3 - Nasce a Ocupação Povo Sem Medo



Fonte: Facebook do MTST-RS (2017).

Em uma reportagem publicada pelo jornal Sul21 (2021), foi feita uma pequena cronologia dos acontecimentos da Vila Nazaré e da Vila Dique. Entre 2009 e 2012, a comunidade da Dique, composta por mais de 900 famílias, foi transferida para o condomínio Porto Novo, ao lado do Porto Seco, na região norte de Porto Alegre. A retirada das 1,3 mil famílias da Vila Nazaré começou em 2019 e terminou em julho de 2021. No dia 12 de julho de 2021, a Prefeitura de Porto Alegre anunciou a conclusão do reassentamento de mais de mil famílias da Vila Nazaré, liberando a área para a ampliação da pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho.

O prefeito Sebastião Melo destacou na entrevista para o Sul 21 (2021) que essa ação é um marco social e de desenvolvimento, mencionando a dignidade no reassentamento e os benefícios econômicos esperados com a expansão do aeroporto. Em contraste, Eduardo Osório, coordenador do MTST, afirmou ao mesmo veículo de comunicação:

Porto Alegre tem vivido há bastante tempo o impacto de grandes obras. A obra de ampliação da pista do aeroporto provocou inicialmente a remoção quase completa da Vila Dique, que foi um processo bastante traumático. Com a privatização do aeroporto, a Nazaré passou a ser a bola da vez. É uma comunidade que surgiu a partir do fenômeno do êxodo rural, no final dos anos 60 e início dos 70, e que já reunia três ou quatro gerações vivendo ali. Era uma comunidade maior que a metade das cidades do interior do Estado, com uma população de mais de 8 mil pessoas, quase duas mil famílias [...] Quando chega o ‘desenvolvimento’ essas famílias são as primeiras a ser expulsas.

De acordo com a reportagem, as 1.011 famílias da Vila Nazaré foram transferidas para dois condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida: o condomínio Senhor do Bom Fim, com 364 unidades, e o condomínio Irmãos Maristas, com 1.298 unidades. Um dos coordenadores do MTST destacou que os apartamentos de 45 metros quadrados do Minha Casa Minha Vida, nos condomínios Senhor do Bom Fim e Irmãos Maristas, oferecidos à população da Nazaré, não consideraram o modo de vida e o tipo de trabalho das famílias reassentadas. Embora algumas pessoas tenham melhorado suas condições de vida, muitas perderam laços sociais, comunitários e espaços de geração de trabalho e renda. Ele também destacou que o reassentamento foi forçado, sem diálogo e desrespeitando a existência dessas famílias.

Atualmente, em 2024, o MTST-RS tem três principais espaços de atuação: a Ocupação Povo Sem Medo de Porto Alegre (OPSM-POA), estabelecida desde 2018; a Cozinha Solidária da Azenha, que desde 2021 serve refeições para a população vulnerável da região do bairro Azenha; e a Ocupação Maria da Conceição Tavares, no Centro Histórico, que surgiu da necessidade de amparar pessoas afetadas pelas enchentes de maio de 2024. Em resposta à conjuntura atual, o movimento optou por abrir duas cozinhas solidárias emergenciais: uma no Loteamento dos Irmãos Maristas e outra no extremo sul da cidade, no bairro Lami. Além dessas iniciativas, o MTST-RS realiza atividades no Loteamento Irmãos Marista, onde reside uma parcela significativa das pessoas que participaram da Vila Nazaré, mantendo-se próximo, também, das famílias do Loteamento do Senhor do Bom Fim.

3.2 COMO SE ORGANIZA

A estrutura organizacional do MTST, conforme detalhada em sua cartilha, reflete uma estrutura não rigidamente hierárquica, em que as posições são ocupadas com base nas tarefas desempenhadas. Conforme a pessoa se organiza e ocupa espaços do movimento vai integrando espaços de decisão.

Há duas formas principais de fazer parte do movimento: na luta pela moradia ou pelo processo de brigadas. Na primeira, a pessoa sem-teto ocupa um espaço, sendo um terreno ou um prédio, junto com o movimento. No segundo, as Brigadas são compostas por participantes que passam por um processo de vivência no MTST. Após essa experiência, eles têm a opção de se tornarem militantes do movimento, sem a obrigatoriedade de serem moradores das ocupações.

Existem três tipos principais de coletivos: Coletivo Territorial (Ocupações): Coordenações de Ocupação, Núcleo, e Comissões desempenham papéis cruciais na organização e manutenção do movimento nas ocupações. Esse coletivo concentra-se nas dinâmicas específicas dos territórios ocupados. Coletivo Político: Composto pela Coordenação de Setores, Regiões, Estaduais e Nacional, o Coletivo Político abrange a coordenação em níveis mais amplos. Ele representa a esfera política do movimento e orienta as direções estratégicas em termos regionais e nacionais. Coletivos Setoriais: Integrado por militantes da base e por militantes que vieram da brigada, os Coletivos Setoriais desempenham um papel vital. Eles representam uma camada mais especializada dentro do movimento.

O movimento apresenta diversos setores, cada um adaptado às particularidades de cada estado, de acordo com as demandas do território e a disponibilidade de militantes para executar as tarefas. Alguns setores são essenciais e estão presentes em todos os estados onde o movimento atua, como o setor de formação e o setor de negociação. No Rio Grande do Sul, além desses, também existem os seguintes setores:

- a) Comunicação: É o “megafone” do MTST, responsável por apresentar a luta, os ideais e a imagem do movimento para a sociedade, e comunicar de forma orgânica com a base de militantes. Atua na disputa política dentro das redes e na criação de uma alternativa de comunicação popular contra a mídia hegemônica e burguesa.
- b) Infraestrutura e Abastecimento: Dentro deste setor, há dois grupos. Um é voltado para o abastecimento, que cuida da provisão de alimentos (por exemplo, garantindo marmitas diárias na Cozinha Solidária). O outro grupo foca na infraestrutura, cuidando da manutenção dos espaços onde o MTST atua (por exemplo, reformas necessárias na cozinha comunitária).
- c) Arte e Cultura: Constrói coletivamente uma “arte-militante” conectada com a luta do MTST. Atua com simbologia visual e oral, mística, atividades culturais nas ocupações, cozinhas e comunidades, resgate da cultura hip-hop e periférica, e construção de utopias através da arte.
- d) Financeiro: Organiza as finanças e busca fontes de financiamento independente para sustentar a luta do povo e garantir a sobrevivência das parcelas abandonadas pelo Estado. Promove a autossustentação e ações coletivas para construir laços de consciência entre os oprimidos.

- e) Autodefesa: Encargado de garantir a segurança dos militantes durante a realização de tarefas em territórios de risco.
- f) Educação: Formado por pessoas que ensinam e aprendem na luta com o povo, propondo atividades que partem da experiência viva dos educandos. Realiza rodas de leitura, reforços escolares e atividades socioeducativas, principalmente com crianças.

O movimento tem um site chamado “Escola de Trabalho de Base”, que serve como o portal principal para informações do MTST. É nesse site que os brigadistas fazem suas matrículas para o processo de brigada, direcionado àqueles que desejam se organizar com o movimento. Além disso, o site organiza os setores em que os brigadistas podem se integrar assim que entram no movimento.

A atuação do MTST-RS em locais como a Ocupação Povo Sem Medo, a Cozinha Solidária da Azenha e a Ocupação Maria da Conceição Tavares exemplifica a continuidade da luta por moradia digna. A história e a organização do MTST no estado demonstra a capacidade de adaptação do movimento, de acordo com a territorialidade, que permanece firme em seu compromisso de lutar pelos direitos dos trabalhadores sem-teto.

CAPÍTULO 4 - SETOR DE EDUCAÇÃO

Além de mobilizar ocupações como forma de protesto e resistência, o MTST reconhece que a educação desempenha um papel na capacitação individual, e também na unidade na luta. Assim, o estabelecimento de um setor de educação dentro do movimento foi uma resposta às necessidades educacionais urgentes das comunidades envolvidas, para além deste, se trata de uma estratégia para fortalecer o poder coletivo de seus membros. Desta forma, a educação pode servir como um pilar estratégico na organização e na resistência do movimento, ajudando a consolidar a coesão e a eficácia nas ações de protesto e reivindicação.

Em entrevista com um dos coordenadores do movimento, que vamos chamar aqui de José, ele destaca que o olhar para a educação estava dado muito antes de o setor se consolidar e que a pedagogia do movimento vem do cotidiano e das experiências vividas por seus membros. Ela é construída através das práticas diárias e das interações entre os ocupantes, tornando-se uma educação orgânica e contextualizada. Cada atividade, desde a organização de mutirões até a gestão das cozinhas coletivas, é uma oportunidade de aprendizado e de desenvolvimento de habilidades práticas e sociais.

O coordenador destacou ainda que uma das principais tarefas dos militantes e do movimento é ajudar a construir saídas coletivas para os variados problemas. Onde houver alguém do MTST, há a tarefa de provocar, juntar as pessoas e produzir soluções. Isso inclui o tema da educação, o cuidado com as crianças e muito mais. Desde organizar uma luta por escola até criar uma ciranda. Muitos desses coletivos voltados para a educação dentro das ocupações ou nos territórios do movimento não necessariamente se configuram como setores formais. Os setores são espaços mais políticos, enquanto as iniciativas coletivas nos territórios são passos importantes que podem, eventualmente, evoluir para um setor formal. A demanda surge da base, da mobilização no território, para depois haver a necessidade de consolidar um setor.

A decisão de criar o setor de educação do Rio Grande do Sul foi motivada por uma série de demandas observadas diretamente nas ocupações e comunidades apoiadas pelo MTST. Crianças e jovens enfrentam desafios significativos para acessar escolas públicas. A educação formal, portanto, se tornou uma necessidade não atendida, refletindo uma exclusão estrutural mais ampla que o movimento procurava combater. Além disso, havia uma demanda por um ensino que auxiliasse a suprir a lacuna, porém tendo como princípio ser sensível à realidade local e integrar uma pedagogia crítica.

Pensar esse ponto junto do conceito de estigma de Erving Goffman pode ajudar a pensar como a exclusão educacional frequentemente reforça e é reforçada por estigmas sociais. Goffman (1975) descreve o estigma como uma marca que desqualifica socialmente o indivíduo, relegando-o a uma posição subalterna. As crianças e jovens das ocupações do MTST, ao serem privadas de acesso adequado à educação, são duplamente estigmatizadas: pela sua condição socioeconômica e pela falta de oportunidades educacionais.

A abordagem de Becker (2008) sobre a construção social do desvio complementa essa análise, ao destacar que a rotulação de certos comportamentos ou condições como desviantes podem reforçar a exclusão. No contexto educacional, a falta de acesso e oportunidades pode levar à rotulação desses jovens como problemáticos ou indesejáveis, exacerbando ainda mais o estigma associado à sua condição. Becker (2008) argumenta que a rotulação e a construção social do desvio afetam como os indivíduos são vistos pela sociedade, e afeta ainda como eles se percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Assim, a exclusão educacional e o estigma social estão interligados, criando um ciclo pernicioso que perpetua a segregação e a subalternização, limitando as oportunidades para essas crianças e jovens.

Collins (2019) oferece uma perspectiva adicional, ao analisar como interseccionalidades de raça, gênero e classe social intensificam os efeitos do estigma e da exclusão. Collins (2019) enfatiza que as experiências de opressão não são unidimensionais, mas sim multifacetadas, portanto o que as crianças e jovens das ocupações do MTST enfrentam são moldados por essas interseccionalidades. A combinação de sua condição socioeconômica e a falta de acesso a uma educação de qualidade reforça a exclusão que eles enfrentam, explicitando a necessidade de uma abordagem crítica e interseccional para tratar desigualdades educacionais e sociais.

De acordo com as entrevistas feitas para este trabalho com militantes de referência do movimento, foi possível notar que a organização desse setor dentro do MTST envolveu a mobilização de militantes e materiais para estabelecer práticas pedagógicas adaptadas às necessidades específicas da comunidade em questão, a Ocupação Povo Sem Medo (OPSM). Tendo alguns princípios em mente, como realizar atividades com os recursos disponíveis no território, oferecer um lanche nutritivo para as crianças durante o período que estivessem participando das atividades, e a escuta ativa.

A escolha do público-alvo focou especialmente no território da OPSM-POA, a partir da compreensão de que era um público diverso em idade, desde bebês de colo até jovens nos anos finais da escola. Tinha como principal perspectiva acolher aqueles que estavam à margem da educação formal. O setor de educação procurou integrar esses jovens de volta ao

sistema educacional formal, e mesmo assim proporcionar um espaço seguro e acolhedor para o aprendizado, em que temas da luta eram tratados de forma transversal, nos momentos de atividade na ocupação.

Em relação ao espaço físico onde ocorriam as atividades, majoritariamente ocorriam dentro do barracão. O barracão é um espaço fundamental dentro de uma ocupação, ele é o primeiro barraco a surgir, é onde será feita a cozinha comunitária, e onde serão realizadas as assembleias. É um espaço que pertence a todos que ocupam.

As atividades com as crianças, jovens e adolescentes ocorrem aos finais de semana, considerando que é um movimento social formado por trabalhadores. Os militantes apresentam uma disponibilidade regida pelo sistema do qual fazem parte, por isso os dias possíveis sempre são aos sábados ou domingos. Isso também levava em conta a possibilidade de contar não só com as crianças fora da escola, mas também com aquelas que estavam devidamente matriculadas. A troca entre elas também foi destacada como um fator importante.

O estabelecimento do setor de educação dentro do MTST-RS representa uma resposta às necessidades educacionais urgentes das comunidades, e ao mesmo tempo uma estratégia fundamental para fortalecer o poder coletivo e a resistência do movimento. Ao enfrentar o desafio da exclusão educacional, o MTST busca suprir uma lacuna estrutural, e, combater estigmas sociais que perpetuam a vulnerabilização dessas comunidades.

A criação de um espaço seguro e inclusivo para o aprendizado, que auxilia na reintegração de jovens ao sistema educacional formal, mas que principalmente possibilita uma educação crítica que capacita os residentes das ocupações a se tornarem agentes de mudança em suas próprias realidades, o povo se emancipa sozinho. Além disso, ao utilizar o barracão como local central para essas atividades, o movimento ao aproveitar recursos locais fortalece o senso de pertencimento e autonomia dentro das comunidades. O setor de educação pretende ser um ponto de acesso à educação formal, mas ir além, ao propor ser um catalisador para a organização coletiva e a resistência social no MTST.

4.1 PARA QUE EDUCAÇÃO?

A partir da entrevista do antigo coordenador do setor de educação, aqui chamado de João, o setor de educação do MTST é descrito como uma iniciativa fundamental para a construção de uma pedagogia sem-teto, voltada para a emancipação e transformação social. Ele destaca que a criação deste setor foi impulsionada pela necessidade de atender às

demandas educativas específicas das pessoas que vivem nas ocupações e pela importância de proporcionar um espaço de aprendizado crítico e reflexivo dentro do movimento.

O coordenador menciona que o setor de educação do MTST-RS começou a se consolidar no início de 2023. Esse setor se organiza com a finalidade de oferecer suporte educativo, tanto para crianças quanto para adultos, aspirando o desenvolvimento de práticas pedagógicas que considerem as realidades e desafios enfrentados pelas famílias sem-teto. Ele enfatiza que o setor de educação no MTST é inspirado por princípios de educação popular, buscando integrar a teoria e a prática para promover uma conscientização crítica entre os participantes. O antigo coordenador entende a educação como uma ferramenta essencial para a luta pela transformação das condições de vida das pessoas. João destaca a importância das metodologias participativas e inclusivas adotadas pelo setor, que pretendem ir além da ideia de transmissão de conhecimento, tendo como base a perspectiva de fomentar a autonomia e a capacidade de organização dos indivíduos.

Uma militante que atua no setor de educação e no coletivo criado para as atividades na Ocupação Povo Sem Medo, aqui chamada de Júlia, relatou que, apesar do setor ter como objetivo atender diferentes faixas etárias dos ocupantes, as atividades atualmente estão mais voltadas para crianças e adolescentes. Segundo ela, isso se deve principalmente às demandas recebidas pelo setor. A coordenação da Ocupação Povo Sem Medo destacou a importância de o setor focar nas crianças, e a partir disso, o setor assumiu essa responsabilidade.

Júlia explica em seu relato que a educação tem diversas áreas que podem ser destacadas. Uma delas é a educação formal, sendo uma das lutas garantir o acesso à escola para crianças da ocupação. Ela exemplificou que, a partir da realidade vivida, algumas crianças não conseguiam vagas escolares, devido ao fato de que a escola deve estar a no máximo dois quilômetros do endereço de residência, enquanto a escola mais próxima da ocupação com vagas disponíveis estava a dois quilômetros e meio. Assim, pensar em educação é também pensar em direitos e acesso à cidade.

Além disso, ela enfatiza que a educação envolve processos reflexivos de construção de ferramentas para estar no mundo, o que inclui a cidadania. Para Júlia, o setor de educação é vital na disputa política para que os indivíduos sejam vistos e respeitados como sujeitos atuantes na sociedade. Na sua argumentação, a educação não deve ser pensada apenas para crianças ou apenas no âmbito escolar, mas também em um sentido mais amplo de entender e construir coletivamente o que se pretende transformar. A militante acredita que a educação é construída em comunhão, sendo essencial para a transformação constante e para manter a esperança e os sonhos vivos dentro do movimento.

A partir disso, pode-se notar que a pauta do acesso à cidade permeia a justificativa para a existência do setor de educação. Nesse ponto, estão as complicações para o acesso à educação pública, um direito e um dever para todos em idade escolar. É perceptível que o setor também atua na perspectiva de manutenção de seus militantes, criando uma conexão e uma visão crítica/política da juventude. De certa forma, o setor prepara os jovens para, no futuro, se juntarem ao movimento não na condição de “sem-tetinhos”, condição essa que lhes é imposta pela situação, e sim como militantes conscientes e engajados.

A fala da militante sobre a importância do setor de educação no MTST, que não sendo apenas à educação formal, mas se trata da construção de ferramentas para cidadania e atuação política, encontra eco nas ideias de Conceição Paludo (2005). A autora destaca que a educação deve ser compreendida como um processo de formação integral, que vai além da simples transmissão de conhecimentos escolares. Ela defende que a educação deve ser um ato político e transformador, capaz de empoderar os sujeitos e possibilitar a construção coletiva de um novo entendimento sobre suas realidades e potencialidades. Nesse sentido, a abordagem do setor de educação do MTST, conforme descrita pela militante, alinha-se com a perspectiva de Paludo, ao buscar garantir o acesso à escola, e ao mesmo tempo promover uma conscientização crítica e uma ação política ativa entre os jovens. Essa educação, construída em comunhão, pretende transformar as condições de vida dos ocupantes e prepará-los para se tornarem militantes conscientes e engajados na luta

A sociedade se organiza em campos de forças econômicas, políticas e culturais que disputam a direção do processo histórico. Esta disputa se materializa na direção de sentido empreendida pelas forças hegemônicas e desejada pelas forças contra-hegemônicas, em cada momento histórico específico. O alternativo se vincula ao contra-hegemônico (Paludo, 2005, p. 24).

As entrevistas com os militantes do setor de educação do MTST revelam como a educação se posiciona como uma força contra-hegemônica dentro das ocupações. O antigo coordenador do setor de educação descreve a iniciativa como fundamental para a construção de uma pedagogia sem-teto, voltada para a emancipação e transformação social. Ele destaca a necessidade de atender às demandas educativas específicas das pessoas que vivem nas ocupações, proporcionando um espaço de aprendizado crítico e reflexivo. Esse enfoque se alinha com a visão de Conceição Paludo, que vê a educação como um ato político capaz de empoderar os sujeitos e promover uma conscientização crítica.

A militante que atua no setor de educação e no coletivo criado para atividades na Ocupação Povo Sem Medo enfatiza a importância de uma educação que vá além da

escolarização formal, incorporando processos reflexivos de cidadania e ação política. Ela argumenta que o setor de educação é vital na disputa política para que os indivíduos sejam vistos e respeitados como sujeitos atuantes na sociedade. Essa perspectiva, conforme Paludo (2005), vincula o alternativo ao contra-hegemônico, desafiando as forças hegemônicas que perpetuam a exclusão e a segregação.

A educação popular e contextualizada, conforme defendida por Miguel Arroyo (2003), reconhecendo as realidades locais e as experiências dos estudantes, as incorpora de forma crítica e transformadora. No contexto do MTST, o setor de educação adapta suas práticas pedagógicas para refletir as especificidades das comunidades de ocupação, buscando capacitar individualmente, porém priorizando fortalecer coletivamente os ocupantes através do conhecimento crítico.

A partir da entrevista com uma das coordenadoras da Ocupação Povo Sem Medo, aqui chamada de Joana, é possível perceber que o surgimento do setor de educação em 2023 não aconteceu de maneira isolada. Pelo contrário, sua construção foi justificada por um contexto anterior que destacou a necessidade e a importância desse setor dentro do movimento. Antes da formalização do setor de educação em 2023, já havia uma clara necessidade de criar atividades educativas para as crianças e adolescentes dentro das ocupações. Essa demanda emergiu das próprias dinâmicas e desafios enfrentados pelas famílias nas ocupações. Antes da criação oficial do setor, existiam iniciativas informais e voluntárias por parte dos militantes, que já promoviam atividades educativas de forma esporádica. Essas ações, mesmo que não sistematizadas, serviram como base para a estruturação do setor de educação.

A coordenação da Ocupação Povo Sem Medo teve um papel crucial ao identificar e enfatizar a importância de um espaço dedicado à educação. Sua insistência e apoio foram determinantes para a formalização do setor. A experiência de outros estados, como São Paulo, onde o MTST já tinha setores de educação mais estruturados, serviu como inspiração e modelo. A troca de experiências entre diferentes núcleos do movimento contribuiu para a concepção e implementação do setor de educação no RS.

A construção do setor de educação no MTST-RS em 2023, conforme descrito na entrevista com uma das coordenadoras da Ocupação Povo Sem Medo, reflete uma trajetória de mobilização e necessidade que ressoa com os princípios delineados na cartilha do Setor de Educação do MTST. A criação de atividades educativas passa a existir a partir das dinâmicas internas das ocupações, em que as demandas das famílias impulsionaram militantes a organizar iniciativas informais. Esse processo de construção coletiva e adaptativa, fundamentado na práxis pedagógica de Paulo Freire, demonstra que a educação no MTST não

é um esforço isolado, mas uma extensão natural da luta por moradia digna e justiça social. A cartilha do MTST enfatiza que a luta é essencial para o processo educativo, destacando a importância da união entre ação e reflexão crítica. A formalização do setor de educação em 2023, inspirada por experiências bem-sucedidas em outros estados, como São Paulo, reforça a ideia de que a educação e a luta social são indissociáveis, sendo ambas necessárias para a emancipação coletiva e individual dos sem-teto.

4.2 EDUCAÇÃO DIFERENTE DE FORMAÇÃO

Com base nas entrevistas realizadas com membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no Rio Grande do Sul, aflora uma imagem da dinâmica entre os setores de educação e formação. O setor de educação é descrito como um ponto de conexão crucial com as comunidades envolvidas nas ocupações, oferecendo a luta pelo acesso à educação formal e alfabetização, junto de um espaço para o desenvolvimento pessoal e comunitário. As atividades educativas são adaptadas às necessidades locais, instigando um diálogo para fortalecer o senso coletivo e a consciência política entre os residentes e os jovens das ocupações.

Por outro lado, o setor de formação se destaca por seu foco na capacitação política e teórica dos militantes do movimento. Entrevistados enfatizaram que o setor de formação não está preso à pretensão de transmitir conhecimentos teóricos, mas sim a desafiar os participantes a refletir criticamente sobre as estratégias de mobilização e a história do movimento. Este setor desempenha um papel na construção de lideranças dentro do MTST, preparando os militantes para enfrentar desafios complexos e fortalecer a coesão interna do movimento.

A partir da entrevista com uma militante que compõem ambos os setores, aqui chamada de Jennifer, o setor de educação dentro do MTST desempenha um papel crucial ao trabalhar com crianças que ainda não estão completamente imersas na ideologia capitalista e nas dinâmicas do mercado de trabalho. Essas crianças, embora expostas a ideias capitalistas através da observação dos pais e do ambiente ao redor, ainda estão em um estágio de formação de conceitos e percepções. O setor de educação atua como uma fase preliminar, preparando essas mentes jovens para questionar e entender criticamente o mundo que as cerca, sendo a formação política algo transversal a atuação. Através de atividades lúdicas e criativas, busca-se fomentar uma mentalidade aberta e reflexiva, permitindo que as crianças

desenvolvam uma compreensão crítica das estruturas sociais e econômicas que moldam suas vidas.

Em contraste, o setor de formação foca em adultos que já estão profundamente inseridos no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na ideologia capitalista. Esses adultos, frequentemente, têm crenças enraizadas no neoliberalismo e no individualismo. A tarefa do setor de formação é, portanto, mais complexa: trata-se do processo de auxiliar na emancipação dessas mentes, ajudando-os a identificar e questionar as contradições do capitalismo que frequentemente geram frustrações e angústias em suas vidas cotidianas. É um processo de desconstrução de crenças estabelecidas e de reconstrução de uma perspectiva crítica e coletiva.

Uma das principais diferenças entre esses setores é a abordagem pedagógica. Enquanto o setor de educação utiliza o lúdico para engajar as crianças e fomentar a criatividade, ajudando-as a imaginar e criar novas possibilidades, o setor de formação precisa primeiro desconstruir o consenso comum e abrir espaço para novas formas de pensar e agir. Os adultos, muitas vezes absorvidos pela rotina e pelo cansaço do trabalho, precisam de estímulos para redescobrir a criatividade e encontrar formas de se rebelar contra o sistema capitalista. Este processo envolve tanto a introdução de novos conceitos quanto a crítica das contradições do sistema que eles já vivenciam.

Além disso, a interação entre esses setores auxilia para o fortalecimento do movimento. O setor de educação prepara as futuras gerações para uma compreensão crítica e uma participação ativa na luta social, enquanto o setor de formação capacita os adultos para serem líderes e agentes de mudança dentro do movimento. Juntos, esses setores criam um ciclo contínuo de educação e formação, no qual o aprendizado se dá de forma intergeracional e integrada.

Conectando essas práticas à práxis marxista, percebemos que a atuação conjunta dos setores de educação e formação no MTST exemplifica a aplicação prática da teoria marxista na luta de classes. A práxis, que envolve a interdependência entre teoria e ação, é evidente na maneira como a educação e a formação se retroalimentam. A educação prepara a base com uma compreensão crítica, enquanto a formação politiza e organiza essa base para a ação concreta, transformando a consciência em prática revolucionária.

Em síntese, o setor de formação tem o intuito de preparar indivíduos para a atuação política, transformando-os em militantes ativos e lideranças dentro do movimento. Por outro lado, o setor de educação trabalha de forma transversal para formar politicamente as novas gerações, com o objetivo de prepará-las para uma participação crítica e consciente na luta

social e política. Utilizando uma abordagem lúdica e criativa, o setor de educação contribui para a construção de uma mentalidade reflexiva desde a infância, o que pode complementar e fortalecer o trabalho do setor de formação. Enquanto o setor de formação se concentra na transformação dos adultos em militantes e líderes, desafiando e desconstruindo crenças pré-existentes, o setor de educação prepara as futuras gerações para uma compreensão crítica do mundo. No contexto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no Rio Grande do Sul, esses setores desempenham papéis complementares e essenciais, criando uma base sólida para a transformação social por meio da integração entre formação de líderes e educação crítica.

4.3 A EMERGÊNCIA

O sentimento que permeia aqueles que vivem em ocupações é o de que a emergência nunca cessa. As primeiras 24 horas são extremamente angustiantes, com o constante temor de uma ordem de despejo que pode vir acompanhada de violência policial. A luta pela moradia continua de maneira árdua e multifacetada. Mesmo após construir um barraco e parecer que as coisas estão se estabilizando, uma simples chuva pode destelhar tudo. Quando o dinheiro está curto e não há como comprar gás, acender o fogo se torna a única solução, embora exista o risco de o barraco acabar queimando junto. Além disso, é crucial lembrar que nenhuma companhia elétrica fará a ligação de energia para um barraco em uma ocupação, então recorrer a ligações clandestinas se torna necessário, sujeitando-se ao risco de ter os fios cortados por terceiros ou mesmo serem desfeitos por caminhões, o que resulta na perda de alimentos na geladeira e de eletrodomésticos conquistados com esforço na batalha pela moradia.

Pobreza é dor. As pessoas pobres sofrem dor física causada pela pouca quantidade de comida e longas horas de trabalho; dor emocional originada a partir das humilhações da dependência diária e da falta de poder; e a dor moral de ser forçado a fazer escolhas – como usar os recursos limitados para salvar a vida de um membro doente da família, ou usar os mesmos recursos para alimentar suas crianças. (Narayan, 2000, p. 3).

Essa realidade é permeada por uma série de privações e desafios que agravam a condição de vulnerabilidade das famílias em ocupações. As dificuldades cotidianas enfrentadas por essas pessoas refletem a dura realidade da pobreza, que se manifesta de várias formas: física, emocional e moralmente. Como Narayan (2000) aponta, a pobreza é uma

experiência dolorosa em múltiplas dimensões. A dor física surge da falta de alimentos e do trabalho extenuante; a dor emocional, das humilhações e da impotência frente às adversidades diárias; e a dor moral, das decisões impossíveis que muitas vezes precisam ser tomadas, como escolher entre salvar a vida de um membro doente da família ou alimentar os filhos. Essas escolhas trágicas revelam a profundidade do sofrimento enfrentado por aqueles que lutam por uma vida digna nas ocupações.

Além dessas emergências cotidianas, destaca-se que a Ocupação Povo Sem Medo de Porto Alegre (RS) enfrentou também uma pandemia, a da Covid-19, ocorrida durante um governo negacionista, deixando os ocupantes completamente desamparados pelo sistema institucional. Todos os dias, aqueles que lutam enfrentam uma nova emergência, por isso o povo é endurecido, o povo é desconfiado.

A partir da pesquisa, nota-se que o setor de Educação e o setor de Arte & Cultura do MTST tentam, de alguma forma, levar o lúdico à arte e oferecer um acolhimento para quem enfrenta uma luta tão árdua. A arte e a educação também são instrumentos de luta. A arte & cultura e a educação são vistas como instrumentos de expressão e desenvolvimento pessoal, assim como ferramentas de resistência e mobilização social. Ao integrar atividades artísticas, como música, teatro, dança e pintura, os setores de arte & cultura, e educação do MTST proporcionam um espaço onde os ocupantes podem expressar suas experiências, emoções, em que é fortalecido o senso de comunidade e solidariedade. A educação dentro do movimento não está presa numa educação formal, abrange junto e com prioridade a conscientização política e social, capacitando os ocupantes a participarem ativamente da luta por seus direitos e por uma cidade mais justa e inclusiva.

Entre os referenciais citados nas entrevistas, realizadas para esta pesquisa, desses setores estão: Paulo Freire, bell hooks e Augusto Boal. E, ainda, houve um contato com a Pedagogia de Emergência, derivada da Pedagogia Waldorf, a partir de maio de 2024, por conta do evento climático extremo que afetou o Rio Grande do Sul. Essa pedagogia de emergência visa oferecer suporte psicossocial imediato a crianças e jovens que enfrentaram eventos traumáticos como desastres naturais e conflitos armados. Essa abordagem educacional busca restaurar a confiança das crianças em si mesmas e nos outros, transformando crises em oportunidades para não perderem a esperança em um mundo melhor.

Os métodos aplicados pela Pedagogia de Emergência incluem técnicas pedagógico-terapêuticas integradas à abordagem da Pedagogia Waldorf, focando na expressão e processamento de emoções através de atividades criativas e interativas, conforme descrito em “A arte da educação - Vol. I”, de Rudolf Steiner (2003). A verbalização das experiências

traumáticas é encorajada, pois ajuda na elaboração e externalização do trauma, essencial para a recuperação emocional. O suporte contínuo e o exemplo comportamental dos adultos são fundamentais para ajudar as crianças a lidarem com suas emoções de maneira saudável. A abordagem da Pedagogia de Emergência tem a pretensão de contribuir para o desenvolvimento emocional e psicológico a longo prazo.

Para além disso, é preciso pensar numa pedagogia das emergências, que surge da luta pela moradia, da luta pelo acesso à comida, pela luta que surge para superar os traumas, da luta que é viver neste momento climático, no qual muitas escolas gaúchas ficaram embaixo d'água durante as enchentes que assolaram o estado nos meses de maio e junho de 2024. As escolas ficaram embaixo d'água, e muitas famílias precisaram ser evacuadas. É possível dizer que existe uma necropolítica¹ para com a população excluída e subalternizada.

A justificativa para a criação desse setor está enraizada na necessidade de proporcionar acesso à educação crítica e emancipatória, alinhada às teorias de Paulo Freire. A organização e metodologias adotadas demonstram um compromisso com a construção coletiva do conhecimento, adaptando-se aos recursos disponíveis e enfrentando os desafios inerentes ao contexto das ocupações. O foco no atendimento a crianças e adolescentes reflete uma resposta direta às demandas locais, destacando a importância de espaços educativos seguros e inclusivos. A integração das práticas pedagógicas com a luta por moradia e direitos básicos indica a interseccionalidade das lutas sociais enfrentadas pelo movimento. O setor de educação do MTST-RS exemplifica uma pedagogia de emergências, onde a educação se torna uma ferramenta de resistência e transformação diante das adversidades socioeconômicas e políticas.

A educação dentro do MTST não se limita à alfabetização e ao ensino formal. Ela é uma pedagogia sem teto, ela é orgânica, nascida das práticas diárias e das interações entre os ocupantes. Atividades como a organização de mutirões e a gestão de cozinhas coletivas são oportunidades de aprendizado e desenvolvimento de habilidades práticas e sociais. Essa abordagem propõe capacitar os indivíduos enquanto fortalece o poder coletivo do movimento.

¹ O conceito de necropolítica foi desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, em seu ensaio “Necropolítica”, publicado em formato de livro no Brasil em 2018. Mbembe descreve a necropolítica como o uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer.

CAPÍTULO 5 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Este capítulo explora a relação entre prática pedagógica e práxis no contexto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS). A práxis, como conceito central, enfatiza a integração entre teoria e prática, em que a ação educativa transcende a mera transmissão de conhecimento, configurando-se como um processo dinâmico de transformação social e política. Inspirada em teóricos como Paulo Freire e outros pensadores da educação crítica, a prática pedagógica no MTST-RS ultrapassa o ensino tradicional, promovendo uma educação reflexiva e crítica.

De acordo com as entrevistas com os membros do setor, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo setor de educação do MTST-RS são planejadas e executadas com base nas necessidades identificadas dentro da Ocupação Povo Sem Medo em Porto Alegre. Essas práticas incluem atividades como contação de histórias, oficinas de arte e alfabetização contextualizada, todas adaptadas ao ambiente comunitário. Ao valorizar os conhecimentos e as experiências dos participantes, essas atividades buscam ensinar, mas com outro viés, o de fortalecer a identidade e a coesão da comunidade.

A práxis, conforme discutida por teóricos como Paulo Freire, enfatiza a conexão íntima entre reflexão crítica e ação transformadora. No contexto educativo do MTST-RS, a práxis se manifesta na reflexão sobre as condições sociais e políticas que cercam as ocupações, ao mesmo tempo em que as práticas pedagógicas visam empoderar os participantes para a mudança social.

A práxis marxista defende que a transformação social requer uma ação consciente das massas trabalhadoras para mudar as condições materiais e econômicas que moldam a sociedade. Da mesma forma, as práticas pedagógicas no MTST-RS capacitam os participantes não apenas com conhecimentos acadêmicos, mas com habilidades e entendimento crítico para desafiar as estruturas de dominação e buscar mudanças sociais significativas em suas próprias comunidades.

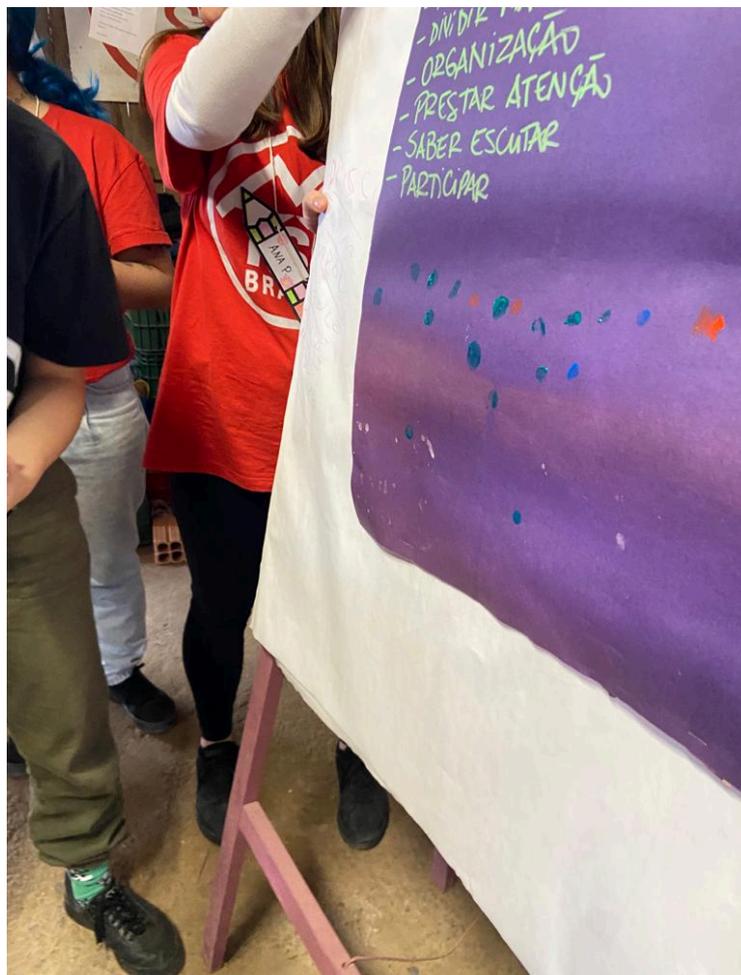
5.1 QUAIS SÃO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS?

As práticas pedagógicas desempenham um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de transformar a realidade social em que estão inseridos. Inspiradas nas teorias educacionais críticas, especialmente nas obras de Paulo Freire, as práticas desenvolvidas não querem ser sobre transmissão de conteúdos, elas tem como

objetivo a emancipação dos educandos por meio da reflexão e da ação. Freire (2020) destaca a importância da educação como prática da liberdade, no qual o processo educativo deve ser dialógico e problematizador, promovendo uma leitura crítica do mundo.

Além disso, Hooks (2017) reforça que a educação deve ser um ato de transgressão, desafiando as opressões e criando espaços para a voz dos subalternos. No contexto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS), as práticas pedagógicas são concebidas como ferramentas de resistência e transformação, alinhando-se aos princípios defendidos por hooks e Freire em suas obras, ao integrar teoria e prática em um esforço contínuo.

No dia 21 de maio de 2023, a Ocupação Povo Sem Medo realizou sua primeira ação focada nas crianças, das 14h às 17h, seguida por um café com os moradores. Os militantes e brigadistas chegaram às 10h para preparar o ambiente. Os objetivos principais foram conhecer as crianças da ocupação e estabelecer um vínculo bilateral para identificar suas necessidades futuras, além de iniciar um processo de engajamento em atividades educativas. As atividades incluíram a criação de crachás para todos, dinâmicas de grupo para estabelecer regras de convivência, contação de histórias e uma atividade de culinária coletiva para fazer um bolo juntos.

Figura 4 - Cartaz dos combinados

Fonte: arquivo do setor de educação (2023).

Nesse dia, as crianças e adolescentes que compareceram ao barracão fizeram acordos junto dos militantes a respeito de como as atividades se desenvolveriam, tendo como base a troca. As regras eram para as crianças e para os militantes: “saber escutar” e “organização”. Após a confecção das mesmas de forma coletiva, todos colocaram suas digitais no cartaz com ajuda de uma tinta colorida, assumindo o compromisso com aqueles acordos.

No dia 18 de junho de 2023, a Ocupação Povo Sem Medo realizou sua segunda ação das 14h às 18h, com um encontro na Cozinha Solidária da Azenha às 9h para preparativos. O objetivo principal era mapear as noções socioespaciais para saber como abordá-las futuramente. As atividades incluíram uma recepção com atividades de memorização de nomes, a montagem de um mapa político do Brasil, uma caça ao tesouro com figuras representando estados e capitais, contação de histórias e um café da tarde.

Figura 5 - Noções socioespaciais

Fonte: arquivo do setor de educação (2023).

A partir do relato de Joana, uma das coordenadoras da OPSM, percebe-se que através das atividades sistemáticas realizadas, como contação de histórias e atividades de alfabetização, as crianças que ao participarem se conectaram com o espaço da “escolinha” de maneira significativa. Compartilharam suas experiências com os pais, que foram até a próxima reunião da Ocupação falando como as crianças estavam animadas para as atividades da “escolinha”.

Este processo educativo foi integrado à vida comunitária, utilizando recursos locais para ensinar habilidades como alfabetização através de elementos visuais da própria comunidade. Essas práticas transformam o ambiente físico da ocupação, e criam uma atmosfera de aprendizado contínuo e colaborativo, auxiliando no processo da comunidade.

Joana destacou que o princípio que permeia os setores de educação e o setor de Arte & Cultura é “A cabeça pensa onde os pés pisam”. Esta célebre frase, frequentemente citada em diversos movimentos sociais, ressalta a importância do contexto local na formação do pensamento crítico e na prática pedagógica.

Dentre as descrições de das atividades algumas tornaram-se mais recorrentes ao longo do ano, temos:

(a) **Contação de Histórias e Produção Artística:** Estas atividades têm sido fundamentais no estímulo à imaginação, criatividade e expressão artística das crianças. A contação de histórias promove o desenvolvimento da linguagem e habilidades cognitivas, e além disso, oferece um espaço para que as crianças se conectem emocionalmente com o conteúdo e com suas próprias experiências. A produção artística, por sua vez, permite que as crianças externalizem suas emoções e pensamentos, contribuindo para seu desenvolvimento emocional e social.

(b) **Atividades de Alfabetização e Letramento:** Utilizando recursos da própria comunidade, como lonas e fotos dos moradores, essas atividades visam promover a alfabetização de maneira contextualizada. O uso de materiais visuais e elementos do cotidiano das crianças ajuda a tornar o processo de aprendizagem mais relevante e acessível. As atividades incluem a identificação de letras e palavras em contextos familiares, facilitando a compreensão e o engajamento das crianças com o material didático.

(c) **Atividades em Roda:** As atividades em roda têm sido um componente essencial das práticas pedagógicas, promovendo a interação e o diálogo entre os participantes. Esse formato cria um espaço colaborativo onde as crianças podem compartilhar suas ideias, ouvir os outros e participar de discussões grupais.

(d) **Calendário educativo:** A utilização de um calendário desenhado com figuras como formigas ajuda as crianças a entenderem a passagem do tempo e a organizarem suas atividades, criando uma expectativa positiva em relação às próximas atividades.

De acordo com o relato de Joana, as crianças retornam para casa contando o que aprenderam, demonstrando que as atividades têm se mostrado positivas em seu desenvolvimento. Essas práticas também reverberam entre os adultos, que percebem as mudanças e se envolvem no processo educativo, criando uma atmosfera de aprendizado contínuo e colaborativo dentro das ocupações.

Ao questionar, na entrevista, qual teria sido a maior conquista do setor de educação, para o antigo coordenador do setor, João, e para uma das coordenadoras da OPSM, Joana, foram encontradas respostas muito parecidas: o senso de comunidade criado junto das

crianças e adolescentes, as vagas para primeira infância e a participação do Plano Estadual da Primeira Infância Melhor (PEPI).

A partir dos levantamentos de dados realizados pelo setor de educação, foi possível identificar que a maior dificuldade de acesso à educação estava na primeira infância, abrangendo bebês de seis meses até crianças de cinco anos. Em resposta a essa situação, o setor de educação, em conjunto com a coordenação da OPSM, recorreu à Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, no NUDECA (Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente), para solicitar a regularização das matrículas dessas crianças. Na ausência de vagas em escolas públicas, foi requerido que a prefeitura assumisse a responsabilidade de adquirir vagas em escolas particulares, garantindo assim o acesso à educação para essas crianças. Na reunião com o NUDECA, participaram mães da ocupação, um dos coordenadores da OPSM, um representante do Setor de educação e o jurídico do MTST-RS.

Figura 6 - Reunião MTST-RS e NUDECA

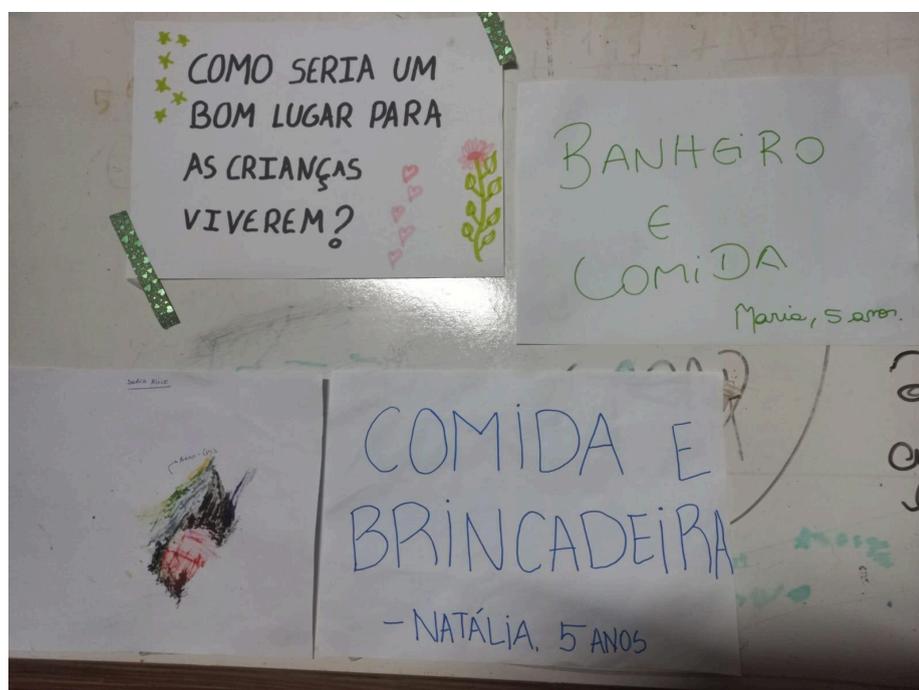


Fonte: arquivo do movimento (2024).

Quase um ano após a primeira atividade do setor de educação na OPSM, no dia 13 de abril de 2024, na Ocupação Povo Sem Medo, um evento organizado pelo Coletivo da Escolinha Formigueiro envolveu crianças na elaboração do Plano Estadual pela Primeira Infância do Rio Grande do Sul (PEPI). Por meio das atividades desenvolvidas ao longo desse ano, surgiu o convite vindo de órgãos do estado para que o movimento participasse da

formação do plano. Essa ação promoveu um ambiente onde as crianças puderam compartilhar sonhos e planos, reforçando o compromisso do movimento com a participação infantil na educação. A escuta ativa valida as experiências das crianças, e com isso constrói relacionamentos saudáveis, propiciando um ambiente em que elas se sentem valorizadas e respeitadas. A partir das fotos desse dia, foi possível encontrar algumas das respostas das crianças a respeito do questionamento “Como seria um bom lugar para as crianças viverem?”, algumas das respostas foram: “Banheiro e Comida”, “Brincadeira, comida e Barbi”, alguns jovens com seus 15 anos disseram “Casa e privacidade, um quarto só meu”.

Figura 7 - Respostas das crianças



Fonte: arquivo do movimento (2024).

Figura 8 - Participação da OPSM do PEPI

Fonte: arquivo do movimento (2024)

As práticas pedagógicas desenvolvidas na Ocupação Povo Sem Medo demonstram um compromisso profundo com a educação integral e contextualizada das crianças e adolescentes da comunidade. Através de atividades lúdicas, culturais e educativas, essas ações estimulam o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens participantes, e em consonância fortalecem o senso de pertencimento e a coesão comunitária. A integração dos recursos locais e a participação ativa das crianças na construção de suas próprias experiências educativas refletem os princípios da pedagogia crítica, valorizando o contexto e a vivência de cada indivíduo. As conquistas alcançadas, como a regularização das matrículas escolares e a participação no Plano Estadual pela Primeira Infância (PEPI), são vistas como passos importantes para a consolidação do setor no Rio Grande do Sul.

5.2 METODOLOGIA DO SETOR

A partir da análise dos materiais e das entrevistas, foi possível traçar algumas conexões com autores que dialogam metodologicamente com o movimento, levando em consideração ainda o livro do movimento, que destaca a influência de autores como Paulo Freire para as ações. As práticas pedagógicas são desenvolvidas com base em uma metodologia participativa e contextualizada, que valoriza a experiência de vida dos participantes e integra teoria e prática em um processo dinâmico de aprendizagem. Esta

abordagem é inspirada em teorias educacionais críticas, que se baseiam em princípios de educação popular e emancipatória.

A participação ativa dos membros da comunidade é central nas práticas pedagógicas do MTST-RS. As atividades são planejadas e executadas de forma colaborativa, envolvendo crianças, adolescentes, adultos, militantes e brigadistas. Um exemplo dessa metodologia é a criação coletiva de regras de convivência durante as atividades. No dia 21 de maio de 2023, as crianças e adolescentes, junto com os militantes, confeccionaram um cartaz com regras como “saber escutar” e “organização”, utilizando tinta colorida para marcar suas digitais e simbolizar o compromisso coletivo com os acordos estabelecidos.

A metodologia adotada pelo setor de educação busca contextualizar o aprendizado, utilizando elementos do próprio ambiente da ocupação para tornar as atividades mais palpáveis para os participantes. A alfabetização, por exemplo, é promovida através de recursos visuais e materiais disponíveis na comunidade, como lonas e fotos dos moradores. Essa abordagem permite que as crianças aprendam a identificar letras e palavras em um contexto familiar, facilitando o processo de aprendizagem e tornando-o mais engajador.

Inspirada nas ideias de Paulo Freire, a metodologia educativa do MTST-RS enfatiza o diálogo como ferramenta essencial para a construção do conhecimento. As atividades são planejadas para promover a reflexão crítica e a troca de saberes entre educadores e educandos. Durante a contação de histórias, por exemplo, as crianças são incentivadas a compartilhar suas próprias histórias e experiências, criando um espaço de diálogo e aprendizado mútuo (Freire, 1996).

Reconhecendo a diversidade de necessidades e contextos dentro da ocupação, a metodologia educativa do MTST-RS é flexível e adaptável. As atividades são planejadas para serem inclusivas e capazes de atender diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento. Essa flexibilidade permite que o setor de educação responda rapidamente às demandas emergentes da comunidade, como a necessidade de alfabetização ou atividades recreativas para crianças. Essa abordagem dialoga com a obra “Ensinando a Transgredir” (2017), de bell hooks, na medida em que enfatiza a importância de uma educação que valoriza as vozes subalternas e promove a inclusão.

A metodologia adotada pelo MTST-RS inclui processos contínuos de avaliação e reflexão sobre as práticas pedagógicas. Os membros do setor reúnem-se regularmente para discutir o andamento das atividades, compartilhar impressões e planejar melhorias. Essa prática de autoavaliação garante que as atividades educativas permaneçam relevantes e eficazes, atendendo às necessidades em constante evolução da comunidade.

Portanto, as práticas pedagógicas aqui descritas são enraizadas em uma abordagem participativa e contextualizada, inspirada nas teorias educacionais críticas de Paulo Freire e outros pensadores progressistas. Através de metodologias que valorizam a participação ativa, a contextualização do aprendizado, o diálogo, a aprendizagem ativa, a flexibilidade e a avaliação contínua, o setor de educação do MTST-RS busca auxiliar no pleno desenvolvimento das crianças e na construção e manutenção do pertencimento a comunidade.

Os desafios enfrentados, como a falta de recursos e a necessidade de engajar diferentes faixas etárias, são superados através da criatividade, colaboração e adaptabilidade dos militantes e da comunidade. As práticas pedagógicas promovem a coesão comunitária, fortalecendo os laços entre os moradores e criando uma atmosfera de aprendizado contínuo e colaborativo. Além disso, os testemunhos dos participantes destacam as percepções positivas dessas práticas, tanto nas crianças quanto nos adultos, mostrando que a educação dentro do MTST-RS é um caminho para a emancipação e a mudança social.

5.3 ENSINANDO COMUNIDADES

O livro “Ensinando Comunidades”, de Hooks (2021), oferece uma perspectiva interessante para pensarmos sobre o papel da educação na construção de comunidades inclusivas e empoderadoras. A autora explora como a prática pedagógica pode atuar como um meio de transformação social, destacando a importância de uma pedagogia que valorize a experiência e as realidades dos estudantes.

Para Hooks (2021), a educação deve ser um espaço de inclusão e empoderamento, no qual a diversidade de experiências e vozes é reconhecida e celebrada. No contexto do MTST-RS, esses princípios são evidenciados nas práticas pedagógicas que buscam integrar a experiência local dos participantes no processo de aprendizagem. Para a autora, é necessária uma educação que não fique presa à ideia de transmitir conhecimentos, que propicie a auto-expressão e a solidariedade dentro das comunidades. Essa abordagem ressoa com as práticas do MTST-RS, quando utiliza elementos da própria comunidade, como materiais visuais e atividades culturais, para tornar o aprendizado mais relevante e envolvente.

Outro ponto crucial abordado por hooks é a prática dialógica e a reflexão crítica como ferramentas de transformação. No livro citado, Hooks (2021) argumenta que o diálogo aberto entre educadores e educandos é essencial para construir um ambiente de aprendizado que desafie as normas estabelecidas. Essa abordagem é claramente visível nas atividades do setor de educação, no qual a troca de saberes e a participação ativa são fundamentais. As

atividades, como a contação de histórias e a criação coletiva de regras de convivência, são exemplos de como o MTST-RS implementa a pedagogia dialógica proposta por hooks, criando um espaço de aprendizado colaborativo e crítico.

Hooks (2021) também discute como a educação pode servir como um ato de resistência contra as opressões sistêmicas. No contexto do MTST-RS, o setor de educação atua com respostas às necessidades educacionais, como um meio de resistência contra a exclusão e desigualdade social. Proporcionando um espaço em que as crianças e adolescentes possam expressar suas experiências e aspirações, é promovida uma forma de educação que desafia as condições de opressão e contribui para a construção de uma comunidade acolhedora.

Adicionalmente, Hooks (2021) aborda a importância do cuidado e da empatia na educação. Ela argumenta que a educação deve ser um ato de amor, em que os educadores se preocupam genuinamente com o bem-estar e o crescimento dos educandos. No MTST-RS, essa filosofia é evidente na dedicação dos militantes em criar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças e adolescentes. As atividades são planejadas para educar e apoiar emocionalmente os participantes, ajudando-os a superar traumas e desafios pessoais.

Todas as relações de amor significativas empoderam cada pessoa envolvida na prática mútua de parceria. Entre professor e estudante, o amor torna o reconhecimento possível; ele oferece um espaço onde há intersecção entre o esforço acadêmico e os esforços gerais para ser psicologicamente inteiro (Hooks, 2021 p. 213).

Os militantes do setor de educação ocupam, de alguma forma, o papel de educadores, mas a relação deles com a comunidade não é a mesma, já que os militantes estão verdadeiramente ali para somar na luta. Com esse princípio, os vínculos construídos são diferentes, marcados pelo afeto, pela perspectiva de criar pertencimento, de acolher num mundo tão endurecido, de dar esperança e celebrar as conquistas cotidianas. As práticas pedagógicas contextualizadas são adaptadas para incluir as experiências e conhecimentos dos participantes, fomentando um senso de pertencimento e empoderamento.

A obra de bell hooks oferece uma base teórica sólida para entender e avaliar as práticas pedagógicas do MTST-RS, demonstra a importância de uma educação que vai além da sala de aula para impactar profundamente a vida comunitária. A abordagem de hooks, que combina educação crítica, inclusão, diálogo e cuidado, dialoga com os princípios e práticas do MTST-RS, fortalecendo a conexão entre teoria e prática na luta por justiça social e transformação comunitária.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar a trajetória de construção e implementação do setor de educação no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS), em 2023, com o objetivo de compreender a necessidade e o desenvolvimento desse setor para o movimento. Através da pesquisa qualitativa, composta por entrevistas semiestruturadas com militantes, observação participante e análise de textos e arquivos, foi possível elucidar diversas questões centrais para a compreensão do papel do setor de educação dentro do MTST-RS.

Primeiramente, a justificativa para a criação do setor de educação se mostrou intrinsecamente ligada às demandas emergenciais e às necessidades específicas dos ocupantes. O setor surgiu como uma resposta às carências educacionais das crianças e adolescentes que vivem nas ocupações, buscando proporcionar um ambiente seguro e propício ao desenvolvimento educacional e pessoal. A pedagogia adotada, inspirada nos princípios de Paulo Freire, destaca-se por integrar educação e ação social, instigando a transformação pessoal e coletiva.

José, como chamamos aqui, coordenador do MTST-RS, destacou ao final da entrevista que a maior conquista do setor de educação foi criar esse espaço dedicado à infância, onde é possível construir vínculos, produzir espaços significativos e ouvir as crianças. Ele enfatizou a relevância de ter um setor que funcione como um instrumento de escuta e representação das crianças, que muitas vezes são invisibilizadas em processos comunitários. José mencionou que as crianças costumam ser chamadas apenas quando há problemas, mas raramente são incluídas nas discussões e decisões. A criação desse espaço permite acumular e registrar todas as iniciativas realizadas com as crianças, garantindo um histórico das percepções das ações desenvolvidas, e uma noção das práticas assertivas, aquelas que funcionam e aquelas que ainda precisam ser adaptadas.

O processo de organização do setor revelou-se dinâmico e adaptável às condições de cada ocupação. As atividades, inicialmente voltadas principalmente para as crianças, têm como objetivo o apoio escolar, como matrículas e materiais, mas com foco para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, vinculado de alguma forma com a superação dos traumas. A construção de um espaço físico adequado, embora desejável, não foi um obstáculo para o desenvolvimento das atividades, que se moldam conforme os recursos disponíveis.

O público-alvo do setor de educação é majoritariamente composto por crianças e adolescentes, cujas necessidades educacionais são evidentes e urgentes. No entanto, há também um potencial significativo para a ampliação das atividades para outras faixas etárias, o que poderia fortalecer ainda mais a coesão e o empoderamento das comunidades envolvidas.

A análise das metodologias e práticas pedagógicas desenvolvidas pelo setor evidenciou a necessidade de uma educação contextualizada e comprometida com a realidade dos ocupantes. As atividades educacionais incentivam a reflexão crítica e a participação ativa na luta por direitos e dignidade.

Por fim, a pesquisa apontou que o setor de educação no MTST-RS se pretende desempenhar um papel significativo na estruturação do movimento, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seus direitos. Através da educação, o movimento fortalece sua base e estimula a transformação social, reafirmando a relevância de um setor de educação robusto e bem estruturado para o sucesso e a continuidade da luta.

Portanto, o setor de educação é uma resposta potente às demandas educacionais das comunidades de ocupantes, integrando educação e ação social em uma pedagogia que pretende a transformação pessoal e coletiva. A continuidade e o fortalecimento desse setor parecem essenciais para o avanço do movimento.

Além disso, a pesquisa revelou que o setor de educação do MTST-RS não apenas atende às necessidades imediatas das crianças e adolescentes, mas também serve como um espaço de resistência. Suas atividades fortalecem a identidade comunitária e incentivam o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às desigualdades sociais. Esse processo de empoderamento comunitário se mostra potente para criar uma base sólida de apoio mútuo, na qual os ocupantes se veem como agentes ativos na luta por seus direitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan/jun. 2003.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOULOS, G. **Por que ocupamos?** Uma introdução à luta dos sem-teto. 3. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2012.

COLL, C. Construtivismo e educação: a concepção construtivista do ensino e da aprendizagem. *In*: COLL, C., MARCHESI, A.; PALACIOS, J (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 107-127.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1959.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GASKEEL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martins W.; GASKEEL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Ed 2º, São Paulo: Vozes, 2003 p. 64-89

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA Denise T. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975

GOMES, Luiz Augusto de Oliveira. **Trabalho-educação, experiência de classe e relações pedagógicas tecidas nos espaços de ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)** Orientador: Lia Tiriba. 2023. 264 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidades**. São Paulo: Elefante, 2021.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. V. I. Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: Marx, K.; Engels, F. **Obras escolhidas**. Sem tradutor. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, s.d.

Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto. **Cartilha de Princípios**. [S.l.: s.n., 20--]. Disponível para consulta em: https://issuu.com/mtsemteto/docs/mtst_cartilha Acesso em: 02/11/2023.

NARAYAN Deepa *et al.* **Voices of the poor: crying out for change**. Nova York: Oxford University Press, 2000.

OUTRAS PALAVRAS. Assim o MTST chegou a Porto Alegre. **OutrasMídias**, 11 nov. 2015. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/assim-o-mtst-chegou-a-porto-alegre/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Movimentos Sociais na atualidade**: algumas considerações. In: I Seminário do TRAMSE: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação - Redes de Pesquisa. Anais. Porto Alegre: Itapuy; 332 p., 2011., p. 22-35.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

OLIVEIRA, J. N. G. de. **Quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro**: o Serviço Social e as interfaces da questão social expressas na luta pelo direito à cidade. 2021. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SANTOS, Paulo Henrique Alves dos. **Formação na ação?** Um estudo sobre as práticas coletivas dos sujeitos do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021.

SILVA, M. K.. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 2-9, 2010

SILVA, Marco Antonio Morgado da; NOWICKI, Beatriz; BRAGA, Maria Helena; PALOMINO, Rafael (Org.). **Construindo uma pedagogia sem-teto**: fundamentos e práticas de educação popular no MTST. São Paulo: Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, 2023.

SIMÕES, Guilherme. CAMPOS, Marcos. RAFAEL, Rud. **MTST 20 anos de história**: luta, organização e esperança nas periferias do Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SOUZA, Isis Thayzi Silva de. **A pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto**: que filosofia sai desse chão? 2023. 102 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Diretoria do Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação I**: O Estudo Geral do Homem – uma base para a Pedagogia. São Paulo: Antroposófica, 2003.

SUL 21. Movimentos de luta por moradia ocupam o Demhab em Porto Alegre. **Sul 21**, Porto Alegre, 14 jul. 2016. Disponível em: <<https://sul21.com.br/breaking-newscidades/2016/07/movimentos-de-luta-por-moradia-ocupam-o-demhab-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

VYGOSTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEISSHEIMER, Marco. Porto Alegre: a história de Nazaré, a comunidade que foi removida para a periferia da periferia. **Sul 21**, Porto Alegre, 21 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/21/porto-alegre-a-historia-de-nazare-a-comunidade-que-foi-removida-para-a-periferia-da-periferia>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA REALIZAR PESQUISA
PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS

Prezados e Prezadas militantes do MTST-RS

Escrevo esta carta para apresentar-me como Ana Paula Schultz, aluna do curso de Ciências Sociais, com matrícula 00324193 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, estou sob orientação do professor Bernardo Mattes Caprara. Estou desenvolvendo um projeto intitulado “Para Que Educação? Análise do Processo de Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS em 2023”.

Para a conclusão deste projeto, é necessário que eu tenha acesso ao Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul, bem como aos dados, relatos, atas de reunião e planejamento das atividades do referido setor. Estes serão coletados por meio de entrevistas e observação participante durante os meses de abril, maio e junho. Destaco ainda o anonimato dos dados e o caráter científico das análises.

Gostaria de solicitar formalmente a permissão para acessar as informações mencionadas, conforme descritas acima. Comprometo-me a tratar esses dados com o devido respeito e confidencialidade, utilizando-os exclusivamente para os propósitos do meu projeto de pesquisa.

Dados de identificação:

Ana Paula Schultz, anapss2602@gmail.com, (54) 99163-2943

Bernardo Mattes Caprara, bernardo.caprara@ufrgs.br

BERNARDO MATTES CAPRARA
PROFESSOR UFRGS

ANA PAULA SCHULTZ
ALUNA UFRGS

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a fazer parte da pesquisa “Para Que Educação? Análise do Processo de Construção e Implementação do Setor de Educação no MTST-RS em 2023”, a qual irá participar de entrevistas gravadas com duração prevista de no máximo 60 minutos. Sua participação é totalmente voluntária. Antes de concordar em ser participante, é muito importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito. O objetivo principal do estudo é “Analisar o processo de construção e implementação do setor de educação dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul (MTST-RS) a partir de 2023, a fim de compreender a necessidade e o desenvolvimento desse setor para o movimento.”. Importante: sua participação nesta pesquisa é voluntária. A entrevista pode ser presencial, ou remota. **BENEFÍCIOS:** Esta pesquisa trará como benefício maior conhecimento sobre o tema abordado. **RISCOS:** A participação neste estudo, não prevê riscos de ordem física para você, também não prevê nenhum desconforto de ordem psicológica. **SIGILO:** As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável na análise dos dados que farão parte das discussões no Trabalho de Conclusão de Curso, não sendo identificadas. Os áudios das entrevistas terão sua privacidade garantida pelas pesquisadoras responsáveis e serão guardadas em sigilo pelo tempo de 5 anos e após totalmente destruídas. Caso seja do seu interesse, as informações que serão utilizadas para a produção da pesquisa serão apresentadas a você, antes de publicadas.

Caso você queira tirar qualquer dúvida, o pesquisador responsável é o Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara, e mail institucional para contato: bernardo.caprara@ufrgs.br, Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Departamento de Sociologia (DESOC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A coleta de

dados será realizada pela graduanda Ana Paula Schultz ficando o e-mail para contato: anapss2602@gmail.com.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, autorizando o uso de informações coletadas por gravação de audio.

Porto Alegre, ____ de _____ de 202__.

Assinatura da participante da pesquisa

Ana Paula Schultz Graduanda UFRGS

APÊNDICE C - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Apresentação

- Poderia se apresentar brevemente? Nome, idade e sua relação com o movimento que estamos pesquisando?
- Pode me contar um pouco da sua trajetória?
- Antes de fazer parte do MTST, já havia participado de algum movimento social, associação, sindicato, agremiação?

Entrada no Movimento

- Como foi sua entrada no movimento?
- Havia algum evento específico ou razão que o levou a se envolver?
- Há quanto tempo você faz parte do MTST?
- Dentro do MTST, você tem alguma função específica?

História do Movimento

- Você poderia compartilhar um pouco da história do movimento?
- Quando e como ele começou?
- Quais eram seus objetivos iniciais?
- Como ele evoluiu ao longo do tempo?

Demanda pelo Setor de Educação

- Houve uma demanda específica para a constituição de um setor de educação dentro do movimento?
- Essa demanda veio principalmente do Rio Grande do Sul ou foi uma iniciativa nacional?
- Como foi justificada a necessidade de criar um setor específico de educação dentro do movimento?
- Quais foram os principais argumentos ou razões por trás dessa decisão?

Necessidade e Impacto do Setor de Educação

- Como você percebe a necessidade de um setor de educação em um movimento urbano de luta por moradia?
- Quais são os benefícios ou impactos que você espera alcançar através desse setor educacional dentro do movimento?

Organização do Setor de Educação

- Como foi pensado o espaço de atuação desse setor de educação dentro do movimento?
- Existiu a construção de um espaço físico? Como se deu essa construção?

Acesso à Educação Pública

- Como se dá o acesso à educação pública pelo público-alvo do setor de educação?

Conquistas e Práticas Educativas

- Quais são as principais conquistas do setor de educação até o momento?
- Quais são as práticas educativas desenvolvidas pelo setor?